

Associação do Aço do Rio Grande do Sul

Uma história  
forjada em

**AÇO**











### **Projeto gráfico, capa e diagramação**

PC Brusque

### **Textos e produção editorial**

Sergio Stock

### **Coordenação**

Elisabete Lopes – Associação do Aço do Rio Grande do Sul

### **Fotos**

Acervo Histórico AARS

Anderson Escouto

Ane Mosele

Caue Zanella

Claudia Ryff Moreira

Claudio Bergmann

Guerreiro Fotografia

Guilherme Rosa

Henrique Fotografias

Irineu Fotos

Joba Migliorin

Júlio Soares

Larry Silva

Leandro Araújo – Foto Stúdio Itália

Letícia Machado

Luísa Lopes

Robson Luiz da Silva Gama

Schiavo Estúdio Fotográfico

Zezé Carneiro

### **Patrocínio Diamante**

ArcelorMittal, CSN, Gerdau e Usiminas

### **Patrocínio Ouro**

Diferro Aços Especiais, RandonCorp, Vallourec e voestalpine Meincol

### **Patrocínio Prata**

Aços Favorit, Bruning Tecnometal, Panatlântica, Soluções Usiminas e Tramontina

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S864 Stock, Sergio.  
Associação do aço do Rio Grande do Sul : uma história forjada em  
aço / Sergio Stock. Porto Alegre : AARS, 2023. 160 p.

Coordenação: Associação do Aço do Rio Grande do Sul.  
ISBN – 9786598191603

1. Associação do Aço do Rio Grande do Sul - História. 2. Homem do aço. 3.  
Parque Metal Mecânico Gaúcho. 4. Indústria do aço - Rio Grande do Sul. I.  
Sergio Stock. II. Título.

CDD 672  
CDU 669.1(816.5)

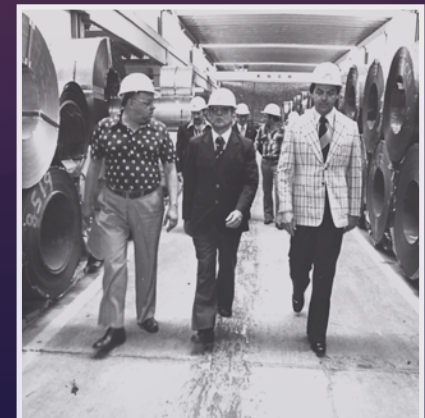
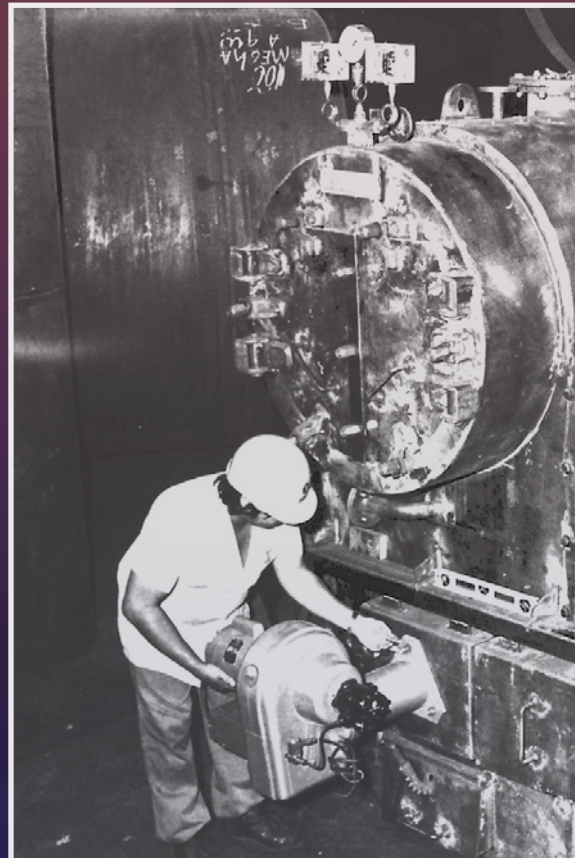
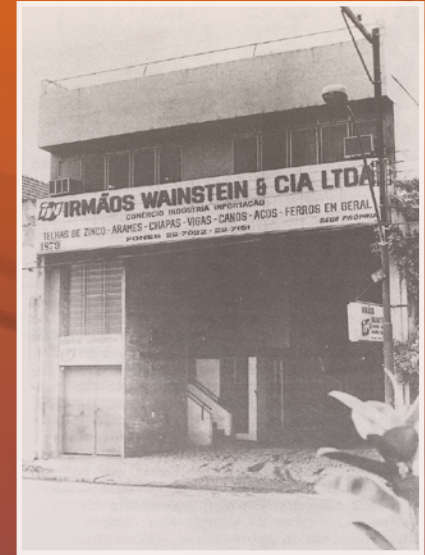


Associação do Aço do Rio Grande do Sul

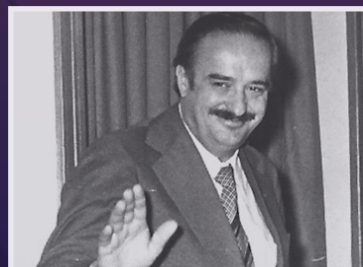
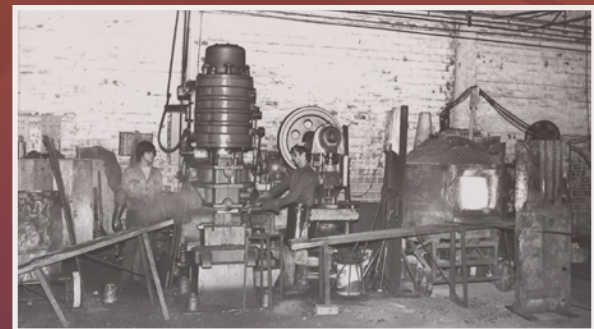
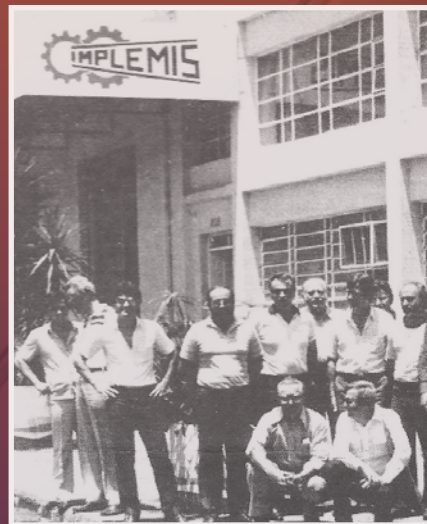
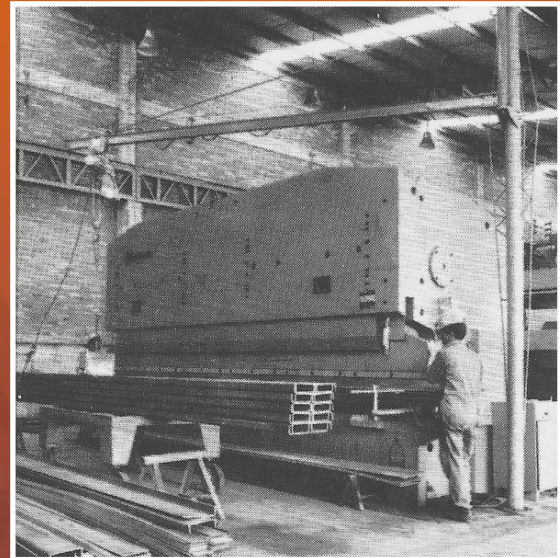
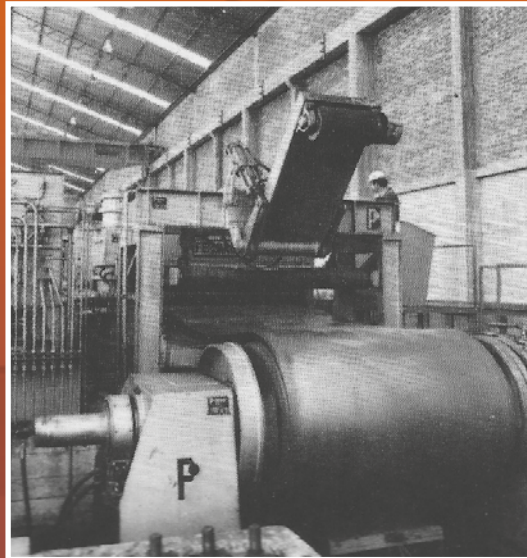
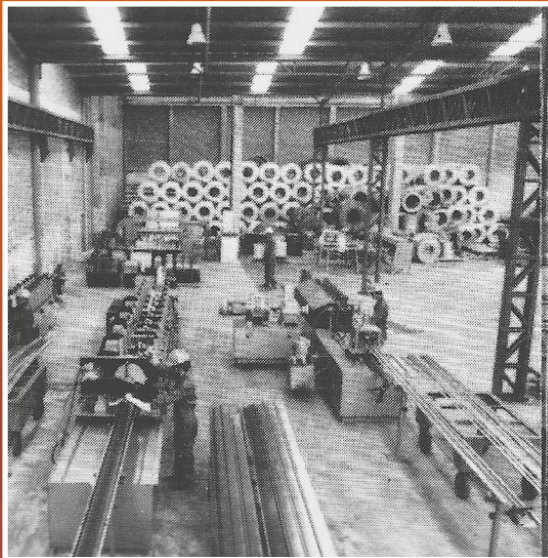
Uma história  
forjada em

**AÇO**











# Introdução

Contar histórias é algo que fascina a todos nós. Ouvir ou ler sobre fatos ocorridos ao longo do tempo nos remete a lembranças ou ao conhecimento sobre o que viveram pessoas que nos antecederam. Valem todas as histórias. A formal e, talvez, a mais estudada, que conta os acontecimentos de países, povos e governos. As familiares, que nos emocionam ao lembrar-nos dos nossos antepassados e suas experiências. As dos amigos, que nos comovem e provocam empatia. As nossas, que são narradas com sentimentos variados, como orgulho, alegria e tristeza. Seja qual for o tipo, o que importa é compartilhar fatos de uma maneira gratificante para que todos possam usufruir de informações que ligam o passado e o presente.

No mundo empresarial não é diferente. Há muitas histórias para serem contadas. Seja de uma empresa, de alguém que

teve alguma iniciativa ou de um setor inteiro. É o caso da Associação do Aço do Rio Grande do Sul, uma entidade nascida de necessidades identificadas por industriais gaúchos, que se transformaram em combustível para o empreendimento de uma luta visando à igualdade de condições no mundo dos negócios do aço.

Essa história começou há 60 anos, no distante 1963, com o objetivo específico de se receber aço no Sul do Brasil pelo mesmo preço que era comercializado em outras regiões, principalmente no Sudeste, onde se concentravam as usinas siderúrgicas, na época todas estatais.

A mobilização de empresários, a dedicação de tempo, energia e disposição para buscar o resultado desejado produziu inúmeras reuniões com governantes da época,



viagens, debates e a manutenção de olhos e ouvidos bem atentos para que não houvesse retrocesso.

O que começou a ser desenhado em almoços de alguns líderes visionários transformou-se em luta política articulada, até que se obteve êxito. Finalmente, as empresas do setor metalmeccânico do Sul receberiam aço em condições de igualdade em relação às demais companhias de outras regiões.

Mas a história contada neste livro não é um detalhamento de aspectos técnicos, cálculos matemáticos ou teses tributárias. Aqui, consta a história de pessoas e empresas que fizeram a AARS e contribuíram para o gigantesco desenvolvimento desse importante setor industrial do Rio Grande do Sul. Este livro é uma homenagem a essas pessoas. Uma forma de aglutinar em um único documen-

to quem são elas e um pouco do que cada uma representou para a indústria gaúcha e brasileira.

Aqui o leitor vai encontrar os motivos que levaram ao surgimento da AARS, seus fundadores e presidentes, os agraciados com o Troféu Homem do Aço (hoje Destaque do Aço), a opinião de grandes lideranças do setor, tudo ricamente ilustrado com fotos que ajudam a contar essa história de sucesso.

Uma homenagem, portanto, que se estende desde aqueles que fizeram os primeiros movimentos para a constituição da AARS até os líderes atuais, que trabalham para manter as relevantes conquistas dessas seis décadas.

Aproveite a leitura e desfrute um pouco do maravilhoso mundo do aço.

Sergio Stock - Jornalista





# Sumário

O Começo .....	14
Os Motivos .....	18
O CIF Uniforme .....	21
Surgem os Centros de Distribuição .....	25
Serra Gaúcha, o 2º polo metalmeccânico .....	26
AARS na Gestão da Qualidade .....	28
Empresas sócias fundadoras .....	31
Presidentes da AARS .....	37
A Associação do Aço do Rio Grande do Sul .....	47
Diretoria atual da AARS .....	58
Troféu Homem do Aço .....	63
A AARS na história .....	123
Perspectivas .....	145
Os Efeitos do Custo Brasil - Jorge Gerdau Johannpeter .....	146
Tecnologia disruptiva como aliada para um mundo mais sustentável - Daniel Randon .....	149
A importância do aço na Tramontina: uma parceria de crescimento para a indústria nacional - Eduardo Portolan .....	151
Eu acredito no Brasil - José Antonio Fernandes Martins .....	153



## **Histórias que merecem ser contadas**

Luiz Antonio de Assis Brasil |

O *homo sapiens* poderia ser chamado de *homo narrans*, pois, de todos os animais, somos os únicos que narramos coisas. Isto é, somos a única espécie que conta histórias.

Mas quais histórias merecem ser contadas?

A questão permite muitas respostas. Todas, no entanto, convergem para o entendimento de que são imprescindíveis as histórias que nos constituíram – precisamos lembrar o que nos possibilitou ser o que somos. Nesse sentido, o best-seller internacional *Sapiens - Uma breve história da humanidade*, do historiador Yuval Noah Harari, pode nos ajudar. Harari narra a trajetória da humanidade com foco em três momentos principais que forjaram nossa sociedade como ela hoje se apresenta: a Revolução Cognitiva, a Agrícola e a Científica.

Pensemos na mais recente delas, a Revolução Científica. Por quê? Porque ainda a estamos vivendo e, sobretudo, porque ela fornece as bases para a civilização moderna.

A Revolução Científica iniciou-se por volta de 1500. Caracteriza-se pelo investimento na pesquisa científica, que conduziu a uma série de inovações que potencializaram de modo fenomenal o poderio humano.

Houve avanços sem precedentes nos mais diversos campos, o que nos levou a saber mais sobre o mundo e sobre nós mesmos; tornou possível a cura de doenças e o crescimento exponencial da produção agrícola e a conservação dos alimentos, aumentando nossa expectativa de vida; mostrou que poderíamos viver em cidades e nos deslocarmos com uma rapidez gigantesca pelo planeta e até para fora do plane-

ta; permitiu que nos comunicássemos de modo instantâneo e que surgissem inúmeras tecnologias que facilitam nossa vida. Nossa sociedade é fruto dessa revolução. Como em toda revolução, muitos fatores são levados em conta para explicá-la. Vamos falar de um deles. Afinal, como observa Harari, para entender o mundo hoje não podemos ignorar “o papel igualmente crucial do aço”.

A observação do escritor pode nos levar a vários caminhos. Escolhemos seguir o de pensar em como o aço é um elemento fundamental da vida moderna. Está presente em larga escala na construção civil, nas obras de infraestrutura, nas usinas de geração de energia, no maquinário agrícola, nos meios de transporte. Por outro lado, faz parte de nossa vida cotidiana, como componente dos mais diversos produtos, como, por exemplo os utensílios domésticos.

Nossos carros são feitos de aço. O avião que nos conduz a férias num país distante é feito de aço. Os prédios em que habitamos e o do hotel em que nos hospedamos sustentam-se pelo aço. Nossas geladeiras e fogões levam aço. Os foguetes e naves espaciais dependem do aço. A lista poderia se estender.

Mas pensemos em coisas menos práticas. A arte. A literatura. A linguagem. O aço também nos serve de metáfora, afinal, às vezes não dizemos que é preciso ter “nervos de aço”? Ou serve de recurso para a criação de versos, como os de Cecília Meirelles no poema *Canção Excêntrica*: “Meu coração, coisa de aço,/ começa a achar um cansaço/ esta procura de espaço/ para o desenho da vida”.

Ou ainda de matéria-prima para inquietantes esculturas, como o famoso monólito de Utah, peça encontrada no deserto estadunidense, cuja hipótese de autoria mais plausível aponta para o escultor minimalista John McCracke. Podemos dizer que de modo concreto ou abstrato, o aço nos constitui.

De certa forma, somos *homo sapiens* e *homo narrans*, mas também *homo chalybs*, isto é, a espécie de aço. Tendo em vista este contexto, cresce a importância de uma entidade como a Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS), que agora completa 60 anos. Trata-se de uma história que merece ser contada.

Boa leitura!

# 1963

## O começo



A década de 1960 foi uma das mais efervescentes em todos os aspectos. Auge da Guerra Fria, o mundo vivia aos sobressaltos. Ainda eram os efeitos da Segunda Guerra Mundial, claramente perceptíveis, principalmente na divisão entre o bloco capitalista e o bloco socialista.

Havia transformações e novidades a todo momento, em todos os lugares. Não apenas no campo político e ideológico. O comportamento humano também mudava e de maneira acelerada, incentivado pela política, mas também pelos movimentos artísticos, culturais e esportivos.

Pois foi nessa década, mais precisamente em 1963, que um grupo de industriais gaúchos empreendeu uma importante ação para defender os interesses do setor do aço e da economia do Rio Grande do Sul. Com tantas transformações ocorrendo mundo afora, por que

não promover as mudanças que se faziam necessárias aqui também?

Mas antes de começarmos a falar dessa história marcante, é bom entendermos o cenário daquele ano, lembrando alguns fatos.

Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini é eleito em 21 de junho Papa da Igreja Católica para suceder a João XXIII, adotando o nome de Paulo VI. Seu pontificado durou 15 anos. Sidney Portier é o primeiro afro-americano a ganhar o Oscar de melhor ator pela atuação em *Lilies of the Field* (Uma Voz nas Sombras). O presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, é assassinato no dia 22 de novembro, em Dallas, quando desfilava em carro aberto. Em Bali, um vulcão entra em erupção matando 1.500 pessoas.

No Brasil a crise política faz com que Brasília seja sitiada por mais de 600 militares no dia 12 de setembro, com corte de linhas telefônicas,







bloqueio de estradas e aeroportos e prisões de um ministro do Supremo Tribunal Federal e do presidente interino da Câmara dos Deputados. Mas nem tudo é crise. Leda Maria Vargas conquista os títulos de Miss Brasil e Miss Universo. O Santos sagra-se Campeão Mundial ao vencer o Milan, com dois gols de Pelé. O Brasil conquista o bi do Mundial de Basquete, ganhando dos Estados Unidos por 85 a 81. Na música, a Bossa Nova está em alta. A canção Garota de Ipanema, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, é gravada pela primeira vez na voz de Pery Ribeiro. Até hoje é a composição brasileira mais tocada no mundo todo, com versões em dezenas de idiomas.



O Rio Grande do Sul, evidentemente, acompanhava as movimentações nacionais e internacionais, mesmo que na época as comunicações não fossem tão desenvolvidas e as novidades demorassem a chegar.

Inicia-se no dia 25 de março o segundo mandato do governador Ildo Meneghetti, eleito no ano anterior para a sucessão de Leonel Brizola. Meneghetti havia governado o Estado

de 1955 a 1959 e também foi prefeito de Porto Alegre por duas vezes.

A economia gaúcha enfrenta os problemas próprios – amplamente baseada na exportação de produtos primários – e as dificuldades proporcionadas pelo cenário político instável daquele período. Entre janeiro de 1961 e 31 de março de 1964 o Brasil vive a sua única experiência parlamentarista da era republicana, tem três presidentes, cinco chefes de governo e seis ministros da Fazenda. Tantas mudanças impactam na economia, principalmente no descontrole da inflação.

Esse ambiente não impede que Porto Alegre sedie, pela primeira vez na América Latina, a Universíade, jogos universitários internacionais criados em 1923 na França, com o nome de Semanas Internacionais Desportivas Universitárias, consideradas uma prévia dos Jogos Olímpicos. Universíade, aliás, é uma mistura de universidade com olimpíada.

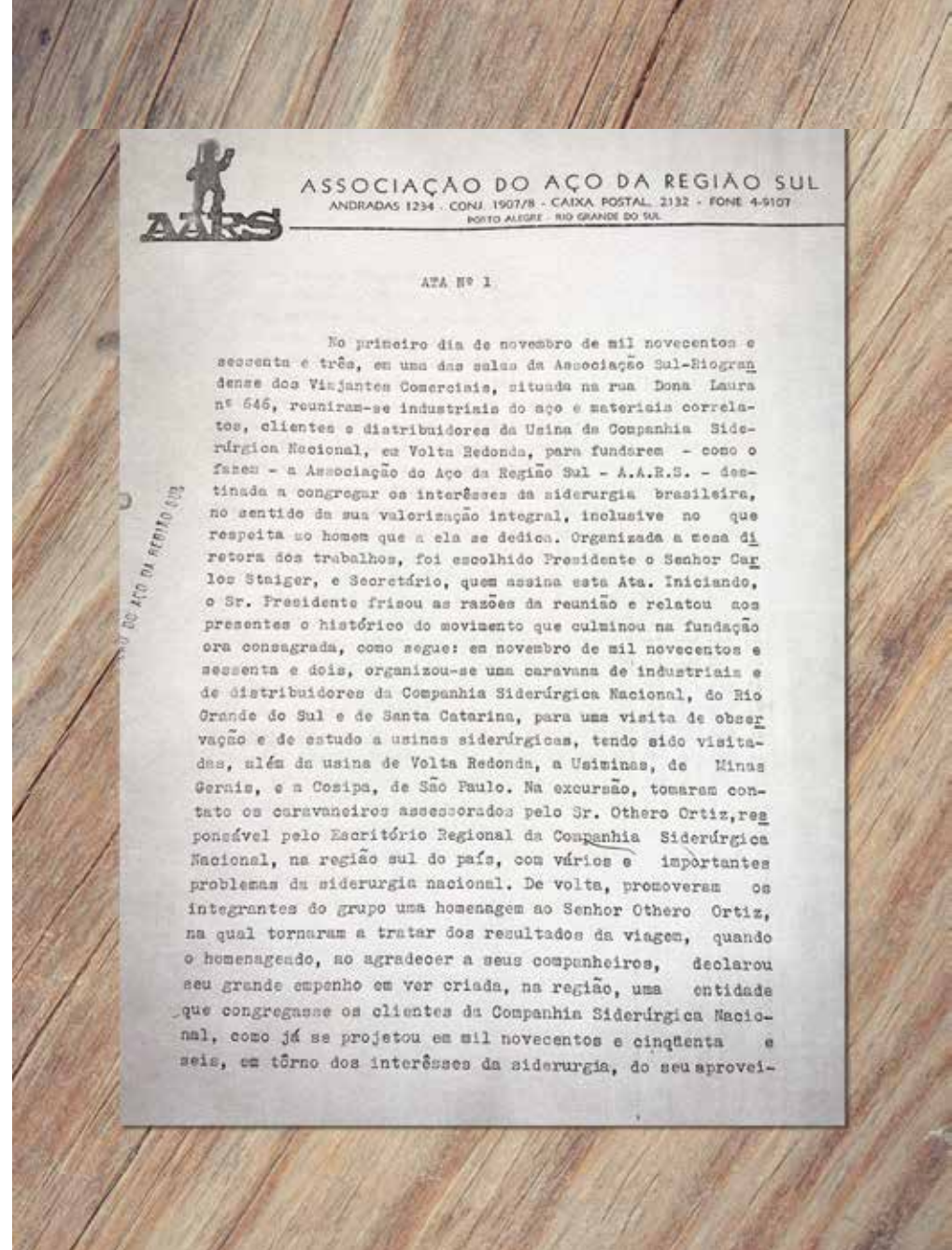
Ainda nos esportes, o Grêmio vence a 43ª edição do Campeonato Gaúcho, realizada de nove de junho a 15 de dezembro da-

quele ano, com a participação de 12 clubes, conquistando o direito de representar o Estado na Taça Brasil 1964.

Nas artes um dos grandes destaques é Teixeira, que lança o álbum Êta, Gaúcho Bom!, mais um de seus tantos sucessos.

Se o ambiente estava frenético nas artes, no esporte, na política e no comportamento, era hora também de o empresariado se movimentar para tratar dos interesses comuns. Foi assim que um grupo de 85 empresas decidiu criar uma entidade que representasse o setor do aço. Nascia a Associação do Aço da Região Sul.

Mas a Associação do Aço começou a ser desenhada muito antes. Entre 1952 e 1953 já ocorriam reuniões, uma vez por mês, durante jantar na Sociedade Germânia, em Porto Alegre. Geralmente estavam presentes o gerente da CSN, Othero Ortiz, o gerente da Ferragem Eduardo Secco, Willy Gruending, o diretor da Metalúrgica Staiger, Carlos Staiger, e os presidentes das Máquinas Mernak de Cachoeira do Sul, Hédio Tesch, da Metal Wallig, Karl Weidman, da Fogões Gerais, Waldomiro Schapcke, da Indústria Febernatti, Lauro Febernatti, e da Refrigeração Steigleder, Arquimino Magnus. Essas



lembranças foram trazidas pelos empresários Bento Carlos Carneiro, Raul Randon e Paulo Vellinho quando a AARS completou 40 anos, em 2003.

Nas recordações de uma época de muitas lutas, tenacidade, conagraçamento e caravanas pelo País, Bento Carneiro dizia que

a entidade era a mais “sui generis” do Brasil nos anos 1960. Havia muitas diferenças e necessidades até então antagônicas entre a indústria e a distribuição do aço.

A então Associação do Aço da Região Sul passaria a representar interesses dos dois segmentos. Ou seja, passaria a representar a união de dois grupos que às vezes costumam defender interesses

conflitantes na cadeia econômica: indústria e comércio.

De fato, houve uma união de forças e todos empreenderam uma luta incessante pelo direito de produzir riquezas, disputar mercados, gerar empregos e bem-estar social na Região Sul do Brasil. Em seu início, a Associação do Aço representava Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.





## OS MOTIVOS

O principal motivo para que houvesse essa união e o conseqüente surgimento da associação foi a dificuldade de obtenção de matéria-prima, especialmente quando a procura era muito grande, e agravada pelo alto custo do frete. A necessidade de adquirir material do centro do País, ou mesmo importar, tornava os dois grupos coesos. Comentava-se na época que o consumo de aço na região havia chegado a 11% de toda a produção de Volta Redonda, única usina que existia. Aliás, foi na CSN – Companhia Side-

rúrgica Nacional – onde teve início o debate sobre a situação que enfrentavam as empresas fora do eixo onde estavam as usinas. Dá para afirmar, até que a Associação do Aço da Região Sul nasceu dentro da CSN.

No início dos anos 1960, um grupo de empresários gaúchos, paranaenses e catarinenses, todos ligados ao aço, decidiu viajar em dois ônibus, para conhecer a infraestrutura do aço existente no País. Visitaram a CSN, em Volta Redonda (RJ), a Companhia Siderúrgica Paulista, que ainda não estava produzindo comercialmente, e a Usiminas, em



Ipatinga (MG), em fase final de instalação do alto forno. Nos 40 anos da AARS o empresário Bento Carneiro disse:

*Acredito que após aquela excursão materializou-se a criação da nossa entidade. A posse da diretoria da associação contou com a honrosa presença do presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, General Macedo Soares. Portanto, foi nessa viagem e na visita à CSN, que se decidiu criar a AARS.*

Paulo Vellinho, outro participante importante daquela iniciativa, lembrou, também nos 40 anos da entidade, que o problema de suprimento motivou a união de todos os protagonistas do processo produtivo numa época em que só a CSN produzia a matéria-prima utilizada pelo setor.

O Rio Grande do Sul não tinha tradição na produção de laminados e o crescimento do setor, a partir dos anos 1950, provocou desequilíbrio entre oferta e demanda por aço plano. Paulo Vellinho disse:

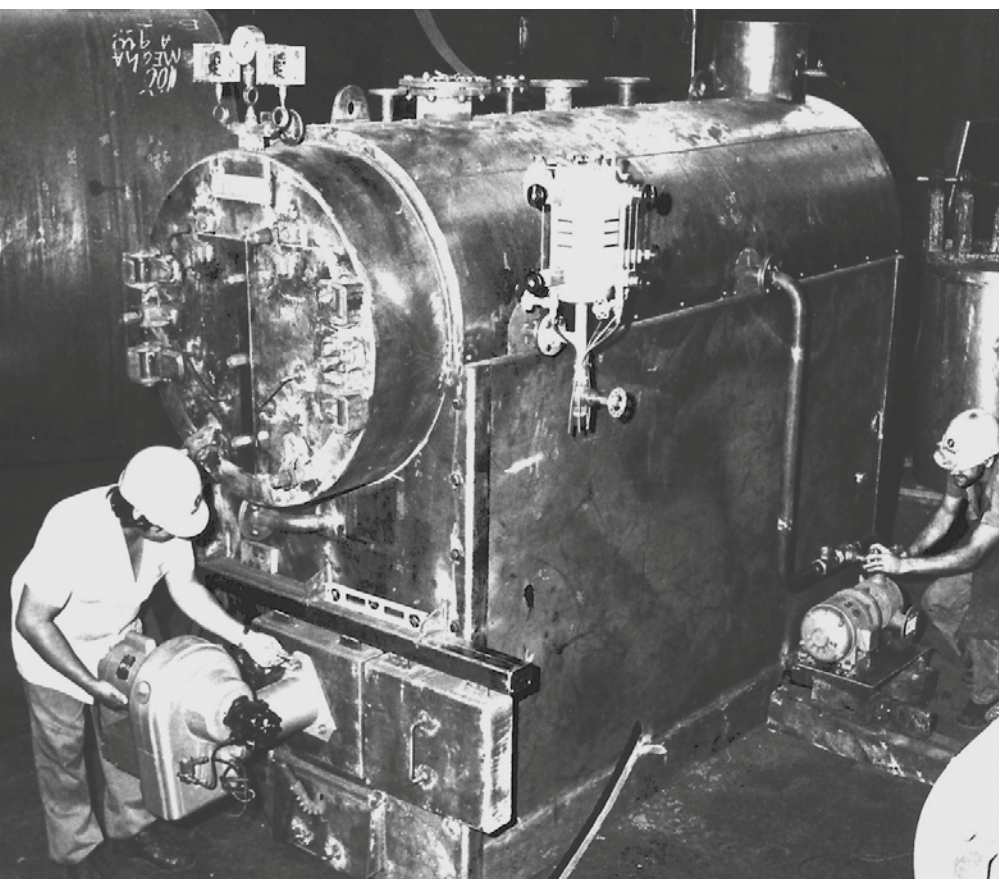
*Houve necessidade de importação em diversas ocasiões. Era preciso uma equalização do preço da matéria-prima.*

Mas nem tudo eram negócios. Entre as lembranças de Paulo Vellinho, guardadas com carinho no acervo da AARS, estão a camaradagem durante as viagens dos empresários e a proverbial hospitalidade gaúcha, dedicada aos visitantes. Outros marcos importantes foram a luta pelo CIF Uniforme, responsável pela descentralização da indústria metalmeccânica, a aquisição da sede da AARS, conseguida a partir da contribuição de muitas empresas, e a criação do Prêmio Homem do Aço, em 1975. Todos esses assuntos serão detalhados nas próximas páginas.

Raul Randon, que durante toda sua vida liderou as empresas Randon e presidiu a AARS no período 1982/84, participou ativamente de todo o processo que deu origem à entidade. À frente da maior fabricante de

semi-reboques da América Latina, o empresário costumava destacar o entusiasmo do primeiro presidente da associação, o então diretor da Metalúrgica Staiger, Carlos Staiger.

*Ele batalhou muito, antes, durante a criação e nos primeiros anos de existência da entidade, para mobilizar os empresários do setor e seu entusiasmo foi um exemplo para todos nós.*



*Havia necessidade da uniformidade do preço para uma desconcentração industrial.*

Com a experiência de administrar um grupo empresarial que utiliza milhares de toneladas de aço por mês, Raul Randon dizia:

*Um país não cresce e se desenvolve como um todo quando uma matéria-prima como o aço, por exemplo, tem um preço numa região e chega a outros pontos por preços proibitivos.*

A Comissão da AARS costumava visitar empresas do setor do aço em todos os recantos do Rio Grande do Sul para levantar problemas locais e aglutinar a categoria.

*Este foi o segredo de uma entidade que não faz muito barulho, mas trabalha muito para conquistar a união e a representatividade necessárias para reivindicar nossos pleitos junto às autoridades.*





## O CIF UNIFORME

Antes de abordarmos a luta dos empresários do Sul, em especial os gaúchos, para a obtenção do CIF Uniforme, é importante entender o que significa esse mecanismo. O CIF Uniforme é bastante fácil de compreender. Vamos considerar, primeiro, que o preço anterior era FOB-Usina, ou seja, era igual sem levar em conta o custo transporte. Adicionado este custo ao valor inicial, resultava num valor maior ao chegar nos centros mais distantes. Caso do Rio Grande do Sul.

O mecanismo CIF Uniforme consiste num diferencial adicionado igualmente ao preço FOB-Usina, baseado em um percentual pré-fixado, que serve para cobrir todos os custos de transporte. Com isso o aço chega pelo mesmo preço em todas as regiões brasileiras.

A conquista do CIF Uniforme, no entanto, não foi algo resolvido definitivamente. Depois de obtido, houve várias tentativas governamentais e pressões para que fosse extinto. Em 1982 a AARS elaborou um amplo trabalho para entendimento e defesa da manutenção do CIF Uniforme, onde construiu uma consistente justificativa:

*Este trabalho não tem a pretensão de ser um livro. Sequer a de ser um estudo técnico e especializado. Nossa ambição ao elaborá-lo foi deixar para a história uma ordenação dos fatos que culminaram para a obtenção do preço CIF Uniforme. Também deixar registrado para as gerações futuras o fato de que mesmo uma entidade pequena, mas aguerrida, liderada por homens com ideais, pode obter sucesso em grandes reivindicações.*

*A obtenção do preço CIF Uniforme do Aço no Brasil para nós é fato consolidado. Quase de importância vital para sobrevivência industrial da periferia do país, que também é Brasil. Contudo, não podemos ser ingênuos e imaginar que se não nos mantivermos alertas, um dia podemos ser surpreendidos, pois a mesma mão que o instituiu poderá revogá-lo.*

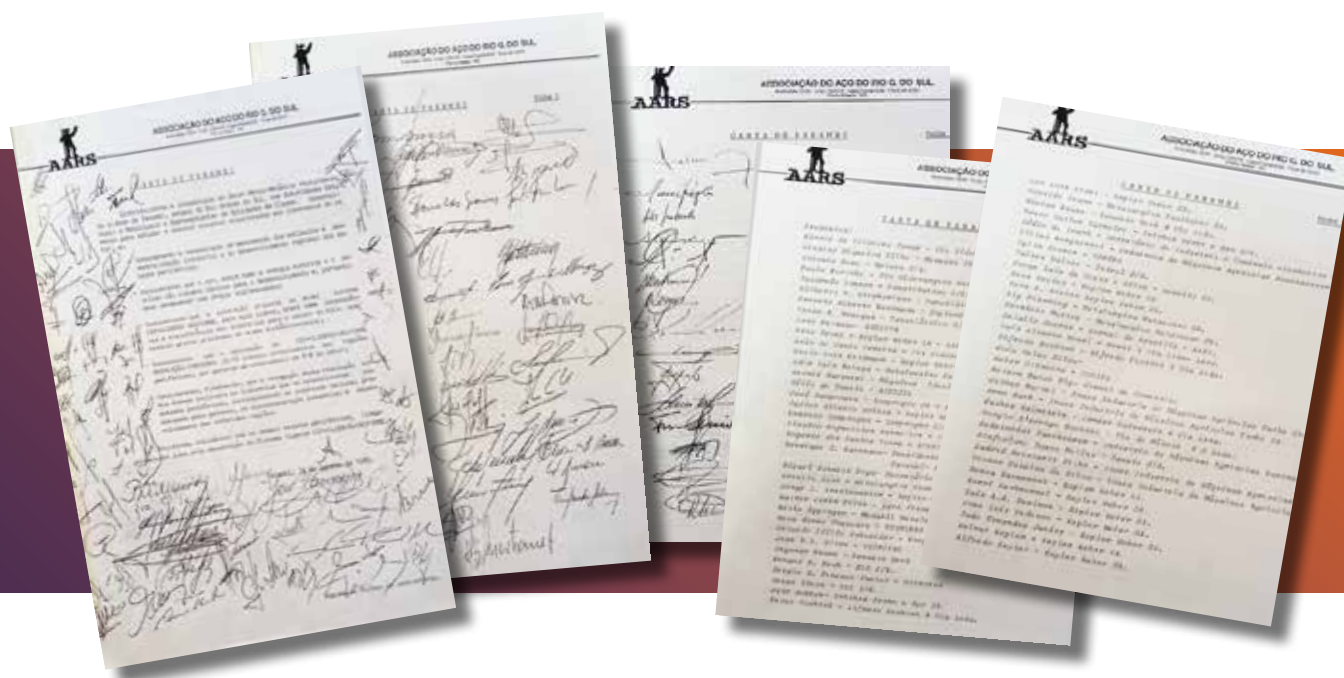
O CIF Uniforme foi uma grande conquista da Associação do Aço da Região Sul (na época englobava as co-irmãs do Paraná e de Santa Catarina) e de modo muito particular da obstinação do fundador e presidente por 14 anos, Carlos Staiger. Com uma dedicação fora do comum a esta causa e acompanhado por quase todas as lideranças do setor, durante 11 anos perseguiu a ideia da concretização de fato.

Costumamos, no mundo conturbado de hoje, esquecer muito rapidamente as grandes conquistas. Esse trabalho foi feito com espírito de registrar uma conquista genuinamente gaúcha.

Para as empresas transformadoras da matéria-prima (aço), situadas nas regiões

Norte-Nordeste e Sul, a revogação do CIF Uniforme representaria deixar seus produtos em situação desfavorável, ou seja, com custo do aço muito superior ao das empresas localizadas próximas de uma das siderúrgicas, principalmente em função do frete. Um dos objetivos do CIF Uniforme era descentralizar o consumo de aço, proporcionando possibilidade de crescimento a indústrias distantes das usinas. Os opositores, representantes das indústrias do centro do país, dos estados onde estavam as usinas, na época estatais, argumentavam que o que se observava, mesmo depois de duas décadas de implantação do sistema, é que o consumo nos estados favorecidos pelo CIF Uniforme, não havia se alterado. Argumento que não se sustentava e até hoje não se sustentaria.

**Carta de Panambi** foi uma das ações em defesa do CIF Uniforme em 1988



A prova é que a partir da adoção do CIF Uniforme o Rio Grande do Sul passou a ter o segundo maior polo metalmecânico do Brasil, localizado na Serra Gaúcha.

A manutenção do preço CIF Uniforme do aço contribuiu para a política de desconcentração industrial. As indústrias, tendo possibilidade de adquirirem matéria-prima, base para a atividade, não se viam obrigadas a localizarem-se em redor das grandes siderúrgicas. A expansão industrial nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo deveu-se a uma concentração nestes centros das fontes produtoras de matéria-prima. Devemos lembrar que os empreendimentos estrangeiros, notadamente a indústria automobilística, se concentraram nesses centros devido às vantagens de ter matéria-prima mais próxima.

A manutenção do preço CIF Uniforme contribuiu para a integração nacional na medida que permitiu que estados mais distantes pudessem consolidar seu desenvolvimento através da instalação de parques industriais. O que seria dos estados periféricos se se continuasse a promover a centralização industrial? O CIF Uniforme foi o alimento vital para sobrevivência das regiões periféricas. Eliminando-o se promoveria a concen-

tração industrial, acompanhada de todas as consequências nefastas e graves problemas sociais e ecológicos. Portanto, a favor de sua eliminação, nenhum brasileiro poderia se colocar.

Mas, mesmo com toda a disposição do setor e de seus líderes, em 1990, no governo Fernando Collor, o CIF Uniforme foi revogado. A solução encontrada foi buscar um entendimento junto ao governo do Rio Grande do Sul. Após muita negociação, em 1993, na gestão de Alceu Collares, teve início a sistemática que visava à compensação ao elevado custo do frete do aço. A diretora executiva da AARS, Elisabete Lopes, lembra o que a Associação propôs à época.

*O objetivo era compensar o custo do frete de alguma forma e isso foi obtido através de créditos adicionais de ICMS. Assim as empresas conseguiam competir em condições de igualdade com as do centro do País.*

Ela lembra, no entanto, que esse mecanismo dava um imenso trabalho, pois tinha que ser renovado a cada três meses.





*Estávamos o tempo todo envolvidos com o assunto, pois a cada trimestre precisava ser recriado, através de decretos do governador. Outros estados também tinham que fazer a mesma coisa.*

*Mas o que tornava o trabalho ainda mais árduo é que tínhamos que negociar tudo de novo a cada troca de governo.*

## SURGEM OS CENTROS DE DISTRIBUIÇÃO

Esse modelo de compensação com créditos de ICMS durou 14 anos, acabando em 2007, no governo Yeda Crusius. O Estado atravessava uma longa crise financeira, com sucessivos déficits, e não tinha mais como manter quaisquer formas de subsídios.

De novo a AARS e suas representadas estavam diante de uma situação de desigualdade em relação às empresas situadas próximas das grandes usinas. Mas, como a

história mostra, o espírito de luta e de busca de soluções jamais deixou de existir. Era novamente hora de trabalhar para encontrar uma saída.

Após estudos focados no objetivo de se achar algo consistente que pudesse ser duradouro, a ideia foi a de propor às usinas que implantassem Centros de Distribuição no Rio Grande do Sul, possibilitando que o faturamento do aço que vendessem fosse feito dentro do Estado, gerando arrecadação de ICMS. Elisabete Lopes, que participou de toda a negociação, resume o funcionamento dessa proposta e os benefícios para todos:

*Com os Centros de Distribuição instalados no Rio Grande do Sul, as usinas passaram a transferir seus produtos para o Estado, faturando aqui e recolhendo o ICMS aqui.*

*Com essa nova arrecadação o governo conseguia fazer a compensação do frete através dos créditos de ICMS, com sobra de dinheiro, pois a arrecadação supera as compensações. Esse é o modelo que está vigorando até hoje.*



## SERRA GAÚCHA, O 2º POLO METALMECÂNICO DO BRASIL

A Região da Serra Gaúcha, conhecida por seus vinhos, parreirais e belezas naturais, é também um local de grande concentração de indústrias consagradas pela qualidade de seus produtos. A maioria do setor metalmeccânico.

A maior cidade da região, Caxias do Sul, obviamente detém a maior fatia, sediando

marcas como Marcopolo, Randon, Guerra, Agrale, Fras-Le, voestalpine Meincol e tantas outras. A industrialização, inclusive, foi o motor do crescimento caxiense. No ano de fundação da Associação do Aço, 1963, a cidade tinha menos de 100 mil moradores. Seis décadas depois, ultrapassa os 460 mil, segundo o Censo do IBGE de 2022.

Mas os municípios vizinhos não deixam por menos. Bento Gonçalves é um polo moveleiro reconhecido no Brasil e no mundo, cujas empresas utilizam aço em seus produtos, algumas em larga escala, como a Bertolini. Em Carlos Barbosa está a sede da





Tramontina, que tem no aço a sua matéria-prima mais importante.

Outras cidades, Farroupilha, Flores da Cunha, São Marcos, também fortemente industrializadas, característica das regiões de imigração italiana, mesmo com menor número de empresas, contribuem de maneira significativa para que a Serra Gaúcha man-

tenha o título de segundo polo metalmeccânico do Brasil, atrás apenas de São Paulo.

O trabalho da AARS para que o Rio Grande do Sul recebesse aço pelo mesmo preço das demais regiões brasileiras foi decisivo para esse desenvolvimento da Serra. O restante se deu pela competência e pelo trabalho de empresários e profissionais.



# **AARS na Gestão da Qualidade**

O trabalho e os propósitos da Associação do Aço do Rio Grande do Sul não ficaram somente nas questões tributárias e de obtenção de matéria-prima a preços justos. Nos anos 1990, a AARS assumiu um importante compromisso para incentivar a cultura da qualidade total nas empresas do setor metalmeccânico.

A Associação passou a coordenar o Comitê Setorial do Aço do Programa Nacional da Qualidade (PNQ) e do Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade (PGQP). Entre os objetivos estava o de treinar colaboradores das empresas para implementar os programas de qualidade, a partir dos conceitos da Gestão da Qualidade Total.

O Comitê chegou a mais de 300 empresas e 65 mil pessoas, através de cursos, capacitações, seminários e palestras. Em março de 1995, quando o Comitê foi fundado, eram 28 empresas e 12 mil pessoas envolvidas.

A AARS, inclusive, criou o próprio curso e em um ano treinou mais de 100 gerentes de qualidade. Os cursos, com duração de 40 horas, eram oferecidos a preços mais acessíveis do que os praticados pelo mercado. Esse foi outro fator que atraiu as empresas, pro-

vocando um crescimento exponencial em número de companhias e de pessoas participantes.

Além das capacitações foram realizados eventos, como palestras e encontros, e visitas técnicas. Tudo para buscar a melhor qualificação e os melhores modelos de gestão.

No Sistema de Avaliação do PGQP que o Comitê Setorial do Aço utilizava para saber como estavam as empresas, também se percebeu um grande crescimento, confirmando o sucesso da iniciativa. Em 1995 apenas quatro empresas atingiram a pontuação máxima (100 pontos). No ano seguinte já eram 29 empresas e em 1998 o número chegou a 49.

Para atingir esses números exuberantes, a AARS, através do Comitê Setorial do Aço, fez várias visitas técnicas, as quais deram ampla sustentação aos projetos e revelaram as reais necessidades das empresas.

Todo o trabalho foi desenvolvido em parceria com o Sebrae e com a ATSG – Academia Tecnológica dos Sistemas de Gestão, uma das mais respeitadas organizações de treinamento e de certificação de auditores da qualidade. A ATSG desenvolveu o programa e a metodologia para o curso que a AARS aplicou para formação dos gestores da qualidade. Também

foi através dessas parcerias que a Associação participou de feiras e eventos, como a Mercopar e a Construsul, ambas muito importantes até hoje para o setor do aço.

Outra prova do quanto a AARS estava, e continua, focada na qualidade, foi a obtenção pela própria Associação da Certificação ISO 9000, em 1998, tornando-se a primeira entidade de representação certificada no Rio Grande do Sul.

Tudo isso, especialmente os números apresentados aqui, demonstram a preocupação do setor do aço com a qualidade. Desde o início do Comitê, as empresas se tornaram mais competitivas e mais sólidas nos seus processos de gestão da qualidade, entregando ao mercado produtos e serviços cada vez melhores. Mais uma vez a AARS comprovava seu valor e sua importância como entidade de representação setorial.

## Livros

Alguns anos depois, a AARS também colocou em prática um projeto de valorização dos melhores modelos de gestão, com o objetivo de oferecer ao setor mais recursos didáticos na capacitação dos profissionais, especialmente os que ocupam funções de liderança. A Associação lançou a série Modelos de Gestão Aplicada, com a publicação de dois livros escritos pelo Consultor de Empresas, John Soprana. O primeiro, **Raul Anselmo Randon – O Estado da Arte em Gestão** (2013), trouxe a história das empresas Randon, contada a partir de entrevistas com o próprio fundador, Raul Randon. A evolução da empresa e como ela chegou onde está mostram uma gestão baseada na simplicidade e em resultados práticos.



O segundo livro, **José Antonio Fernandes Martins – Liderança e Internacionalização** (2014), conta a trajetória profissional do atual presidente da AARS e como ele aplicou o conhecimento nas empresas onde trabalhou, vindo a se tornar uma das mais longevas e sólidas lideranças do setor do aço no Brasil. Na obra, Martins dá sugestões e orientações, principalmente a quem está começando a carreira, como no trecho intitulado “Carta a um jovem profissional”.

Esses livros seguem disponíveis na Associação do Aço do RS e a série continuará, com lançamento de outras obras que servirão de leitura produtiva a todos os interessados.







# Empresas sócias fundadoras

- A. Moritz Friedrich S.A.
- A.M Souza S.A.
- Adão Hans & Cia.
- Affonso Meister Ltda.
- Albarus S.A.
- Amadeo Rossi & Cia.
- Armco Indl. Coml. S.A.
- Arnaldo Gruending
- Arcon Ind . Eletro Met. Ltda.
- Biehl S.A. Metalúrgica
- Borup S.A.
- Brendler Hickmann & Cia.
- Bromberg Coml. S.A.
- Carlos Hoepcker S.A.
- Carroceria Nicola S.A.
- Catelli, Hennemann & Cia. Ltda.
- Cia. Fábio Bastos Com. e Ind.
- Cia. Geral de indústrias
- Cia. Hemmer Com. e Ind. S.A.
- Cia. Jensen Agric. Ind. e Com.
- Cia. Panatlântica de Com. do Rio Grande
- Cia. Wbs Indl.
- Costa Ferreira S.A.
- Eduardo Secco S.A.
- Estaleiro Só S.A.
- Ferbernati S.A.
- Ferragens Carvalho S.A.
- Frigorífico Ardomé S.A.
- Germano Stein S.A.
- Gruending & Irmãos Ltda.





- Guaspari, Generali & Cia Ltda.
- Icisa S.A. Ind. e Com.
- Importadora Americana S.A.
- Importadora Brasília S.A.
- Importadora Walter Maciel S.A.
- Ind. de Latas Gruending Ltda.
- Ind. e Com. de Refrigeradores Cruzeiro do Sul Ltda.
- Ind. Máquinas Agrícolas Fuchs S.A.
- Indústria de Electro-aços Plangg S.A.
- Indústria de Laminados do Rio Grande S.A.
- Indústria de Máquina Enko Ltda.
- Indústria de Refrigeração Cônsul S.A.
- Indústria Micheletto S.A.
- Irmãos Wainstein & Cia Ltda.
- Isdra & Filhos
- Joaquim Fonseca Filho Com. Ind. S.A.
- Madeira e Metalúrgica Arco-Íris Ltda.
- Máquinas Seiko Ltda.
- Marcon Dal Zotto & Cia. Ltda.
- Mecânica Randon Ltda.
- Mernak S.A. Ind. Bras. de Máquinas
- Mesbla S.A.
- Metalúrgica Abramo Eberle S.A.
- Metalúrgica Cruzeiro S.A.
- Metalgráfica do Sul S.A.
- Metalúrgica Duques S.A.
- Metalúrgica Faulhaber S.A.
- Metalúrgica Guerreiro Ltda.
- Metalúrgica Herbert Muller S.A.
- Metalúrgica Krug Ltda.

■ Metalúrgica Metz Ltda.

■ Metalúrgica Staiger S.A.

■ Metalúrgica Venax S.A.

■ Metalúrgica Wallig S.A.

■ Meyer S.A.

■ Minuano S.A.

■ Panambra Indl. e Técnica S.A.

■ Química Indaiá Ltda.

■ Refrigeração Springer S.A.

■ Renner, Herrmann S.A.

■ Rui Cabral

■ S.A. Ind. e Com. Concórdia

■ Sander S.A. Fábrica de Correntes

■ Santos, Mayer & Cia.

■ Schier, Kuwer & Cia. Ltda.

■ Schneider, Logemann & Cia. Ltda.

■ Secadores Pampeiro

■ Sidapar S.A.

■ Sulbase - Soc. Bras. de Ind. de Base Ltda.

■ Telespring S.A.

■ Transporte Sideral S.A.

■ Triferro-Sul Cia. Com. e Ind. de Ferros

■ V. Gruending & Cia. Ltda.

■ Waldomiro Engel

■ Zamprogna S.A.

■ Zivi S.A.





**PRIMEIRA  
DIRETORIA  
EXECUTIVA**

Carlos Staiger  
Bento Carneiro  
G. Willy Gruedling  
Karl Weidmann  
Nélson Avila  
Roberto Stein  
Sérgio Schapke  
Waldemar Renner

**PRIMEIRO  
CONSELHO  
CONSULTIVO**

Floriano de A. Fernandes  
Gregório Zotz  
Hédio Tesh  
Odino Sartori  
Osvaldo Diedrich  
Paulo Eduardo Eichemberg  
Ronald Stein

**PRIMEIRO  
CONSELHO  
SUPERIOR**

Anacleto Firpo  
Arquimimo M. de Souza  
Cláudio Eberle  
Curt Johannpeter  
Cypriano Micheletto  
Enio Verlanghieri  
Fábio de A. dos Santos  
Fernando A. Torres  
Germano Stein  
Guilherme Jensen  
Herbert Muller  
Hugo Hermann Filho  
João Wallig

Julio Eberle  
Lauro Febernatti  
Luiz Siegmann  
Mário Papone  
Nelson Meister  
Nelson Rossi  
Paulo Vellino  
Plinio Kroeff  
Ricardo Albarus  
Roberto Nickron  
Waldomiro Schapke  
Wittich Freitag





**USIMINAS**



# Presidentes da AARS

Em seus 60 anos a Associação do Aço do Rio Grande do Sul teve nove presidentes. O primeiro foi Carlos Staiger, um dos fundadores.

A seguir a nominata completa e um breve perfil dos homens que ajudaram a mudar o cenário do aço no RS.

## CARLOS STAIGER

Fundador e  
presidente de  
**1963 a 1976**

Um dos fundadores da AARS nasceu na Alemanha, em 1907, com o nome de Karl Staiger, migrando para o Brasil nos anos 1930. Em Porto Alegre trabalhou como montador de instalações de aquecimento e abastecimento central e vários outros tipos de instalações industriais. Com grande capacidade empreendedora, fundou em 1932 a Metalúrgica Staiger, que ao longo do tempo se desenvolveu, transformando-se na Staiger Indústria Metalúrgica, da qual se tornou diretor-presidente. Sempre teve muito interesse em organizações como as-

sociações e sindicatos. Participou do surgimento de outras entidades associativas e escreveu o livro *O Capital Humano*, inspirado em algo que sempre defendeu e se empenhou: o investimento em treinamento e educação dos jovens metalúrgicos. Recebeu reconhecimentos como a Medalha Industrial do Rio Grande do Sul, o Troféu Gaúcho Honorário e o Troféu Homem do Aço. Também fundou a Cabanha Santa Bárbara, no município de São Jerônimo (RS).

Faleceu em 1997, com quase 90 anos.

## LUIS ADAMS

Presidente de  
**1977 a 1982**

Luís Adams foi uma grande liderança empresarial, tendo presidido a Associação do Aço do Rio Grande do Sul por seis anos.

Manteve as lutas e o espírito aguerrido dos fundadores, sempre na defesa dos interesses da indústria metal-mecânica gaúcha.





# RAUL ANSELMO RANDON

Presidente de  
**1982 a 1984**

Nascido em Tangará (SC), em 6 de agosto de 1929, era filho de Abramo e Elisabetha Randon. O casal, originário da zona rural de Caxias do Sul, mudou-se jovem para Rio Bonito, hoje Tangará. Aos 14 anos Raul já ajudava o pai na oficina montada no município catarinense. No final dos anos 1940, já em Caxias do Sul, abriu uma oficina de reforma de motores com o irmão Hercílio, que tinha conhecimento técnico.

Nos anos 1950 nascia a Mecânica Randon, empresa que cresceu de forma significativa na década de 1960, mesma época em que era criada a Fundação Assistencial Abramo Randon para fomentar o bem-estar dos funcionários.

Em 1970 a empresa se transforma em sociedade anônima, passando a chamar-se Randon S.A. Indústria de Implementos para o Transporte. Raul Randon permaneceu na Presidência Executiva até 2006, quando passou para a Presidência do Conselho Administrativo, função que desempenhou até 2017.

Além da AARS, onde também foi um dos fundadores, presidiu a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul entre 1975 e 1978.

Recebeu mais de 200 prêmios e distinções nacionais e internacionais, entre eles a Medalha Pacificador da ONU Sérgio Vieira de Mello, em 2006, o Prêmio Personalidade Exportação da Associação dos Dirigentes de Marketing e Vendas do Brasil, a Medalha Tiradentes da Polícia Civil do RS, a Medalha Mérito Farroupilha da Assembleia Legislativa do RS, a Ordem do Mérito Industrial da Confederação Nacional da Indústria, a Medalha Júlio Redecker de Desenvolvimento, da Câmara Federal, o Destaque Medicina Veterinária 2013, na categoria Agronegócio, e, em 2015, o Prêmio Lide de Empreendedorismo, destacado como “O Empreendedor da Década”. Em 2017 foi agraciado pela Universidade de Pádua com o título de Doutor Honoris Causa em Ingegneria Gestionale, reconhecimento como empreendedor no âmbito social.

Leia mais sobre a trajetória de Raul Anselmo Randon no capítulo Homem do Aço.

# JOSÉ ZAMPROGNA

Presidente de  
**1985 a 1988**

O economista, contador e administrador de empresas José Zamprogna é até hoje reconhecido como uma das grandes lideranças da história do setor metalmeccânico do Rio Grande do Sul. Foi um mestre em todas as funções que exerceu, articulador exemplar e incansável para os interesses da comunidade empresarial.

Como presidente da Associação do Aço do RS atuou sempre na defesa do preço uniforme para todo o Brasil, de modo a permitir condições iguais de competitividade a todos. Tinha uma postura empresarial e profissional aguçada, com visão estratégica.

Em sua trajetória também escreveu importantes artigos durante décadas para o Jornal do Comércio, Diário de Notícias, Jornal do Dia e Revista Vida Rural e Econômica.

Também foi um dos fundadores da Sociedade de Economia e do Conselho Regional de Economia do Rio Grande do Sul.

Lecionou Economia Política na Faculdade de Administração da PUC e exerceu atividades voluntárias. Ajudou a criar e foi o primeiro presidente da Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre (Cepal), presidiu a Comissão de Obras do Hospital Mãe de Deus, colaborou na fundação da entidade filantrópica Cidade de Deus e participou da criação da Associação do Aço do Rio Grande do Sul e do Instituto Nacional de Distribuidores de Aço.

A Zamprogna foi vendida para a Usiminas e hoje é a Soluções Usiminas, com sede em Porto Alegre.



## MIRKO EPPINGER

Presidente de  
**1989 a 1990**

Mirko Eppinger cumpriu um mandato na Associação do Aço do Rio Grande do Sul, num período de grande movimentação no setor e de efervescência política com a primeira eleição para presidente da República desde 1964. Era um período de muitas incertezas, de hiper-

inflação e dificuldades econômicas extremas. Somava-se a tudo isso a necessidade da manutenção do CIF Uniforme. Liderou os empresários do setor na luta pela manutenção do mecanismo, mas sem sucesso. O CIF Uniforme acabou sendo revogado no governo Collor.

## RICARDO PETRY

Presidente de  
**1991 a 1992**

Economista e administrador de empresas, assumiu a Associação do Aço do RS em um momento em que o Brasil atravessava grandes dificuldades econômicas. Uma forte recessão colocava a economia em queda livre e o governo anunciava a extinção do CIF Uniforme, o que prejudicava as indústrias fora do eixo Rio-São Paulo. Aos 47 anos, Petry era diretor-superintendente da Biehl Metalúrgica Ltda, com sede em São Leopoldo (RS), e assumia a principal entidade de representação do aço, defendendo a manutenção do CIF uniforme. Para isso acontecer, dizia que “primeiro precisamos privatizar as siderúrgicas esta-

tais”, fato que veio a ocorrer alguns anos mais tarde, com a CSN, COSIPA e USIMINAS.

“O fim do CIF Uniforme só se justifica a partir do momento da total privatização das três usinas estatais ou, pelo menos, uma delas. Só então estaremos em condições de competir com as indústrias que se localizam próximas às usinas.”

Petry defendia, também, a criação do Pólo Metalúrgico de Uruguaiana (RS), como forma de incentivar o desenvolvimento do Mercosul.



# PAULO D'ARRIGO VELLINHO

Presidente de  
**1993 a 1996**

Nascido em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, passou quase toda a vida na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Formado em Química Industrial pela Universidade Federal do RS, em 1949, dedicou-se à administração de empresas e à liderança de entidades. Tornou-se conhecido por fundar nos anos 1950 a Springer Indústria de Ar Condicionado, que mais tarde foi associada à marca americana Carrier.

Paulo Vellinho foi uma grande liderança empresarial, tendo presidido importantes entidades, como a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS) e o Centro das Indústrias do RS, de 1971 a 1974. Também presidiu a Associação Gaúcha de Avicultura. Em 2014 foi homenageado pelo Sindratar-SP, na gestão de José Rogelio Medela. Em 2018 lançou sua autobiografia, escri-

ta por Mário Santi, relatando os 60 anos de experiências no empreendedorismo. O livro se chama *O Realizador de um sonho chamado Springer* e apresenta a trajetória do empresário que, no final da década de 1940, percebeu que o futuro de sua empresa, até então uma simples oficina e comércio de itens de refrigeração, era outro, ou seja, uma indústria de bens de consumo com tecnologia moderna.

Em 2021, Paulo Vellinho virou nome de prêmio concedido pela Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA) para reconhecer empresários que investem no desenvolvimento econômico e social da cidade. A ACPA teve como presidente sua filha, Suzana Vellinho. O empresário morreu no dia 8 de setembro de 2022, dois dias após completar 95 anos.



# SERGIO ALBERTO NEUMANN

Presidente de  
**1997 a 2000**

Nascido em Porto Alegre em 1949, começou a carreira profissional como vendedor técnico da empresa Casa das Correntes, também em Porto Alegre, nos anos 1970. “Essa empresa era do pai da minha namorada, mas eu era funcionário”, diz. Em seguida deu início a um trabalho de usinagem dentro da Casa das Correntes, onde eram feitas rodas dentadas. Um complemento aos produtos que já existiam na empresa.

Em 1973 surgiu uma oportunidade. O fundador da Metalúrgica Fallgatter, João Fallgatter, faleceu no ano anterior, e a empresa foi colocada à venda. A Casa das Correntes adquiriu a metalúrgica, que era uma empresa pequena, com 16 funcionários. Neumann deixou o curso de Engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela metade para se dedicar integralmente à nova empresa, com jornadas diárias de 12 a 14 horas de trabalho.

“Com um passinho de cada vez”, como costuma explicar os movimentos na época e que mantém até hoje,

os negócios aumentaram e a Fallgatter cresceu. Tanto que precisou de mais espaço, pois estava em uma zona residencial, sem possibilidades de ampliação. A solução foi adquirir uma outra empresa, a Cirei, antiga fundição que ficava no bairro IAPI, em Porto Alegre. Somente em 1998 a Fallgatter se transferiu para o Distrito Industrial de Cachoeirinha, na Grande Porto Alegre, onde está até hoje.

Há 50 anos, Sergio Neumann trabalha na Fallgatter, liderando os 600 funcionários em um parque industrial moderno. A Fallgatter desenvolve soluções para outras empresas do setor metalmeccânico, principalmente no segmento de tratores agrícolas e equipamentos de terraplanagem.

Casado com Eliana, pai da Cristiane, da Caroline e da Camila e avô de sete netos com idades entre três e 16 anos, Neumann se define como um homem feliz pela estabilidade conquistada. “Nunca fui arrojado, sempre agi com cautela, mas sempre olhei para a frente. Jamais para trás.”

# JOSÉ ANTONIO FERNANDES MARTINS

Presidente de  
**2000 aos  
dias atuais**

Graduado em Engenharia Mecânica em 1959, chegou à vice-presidência do Conselho de Administração da Marcopolo S.A., empresa onde ingressou em 1965 para trabalhar na área técnica e fez uma longa carreira.

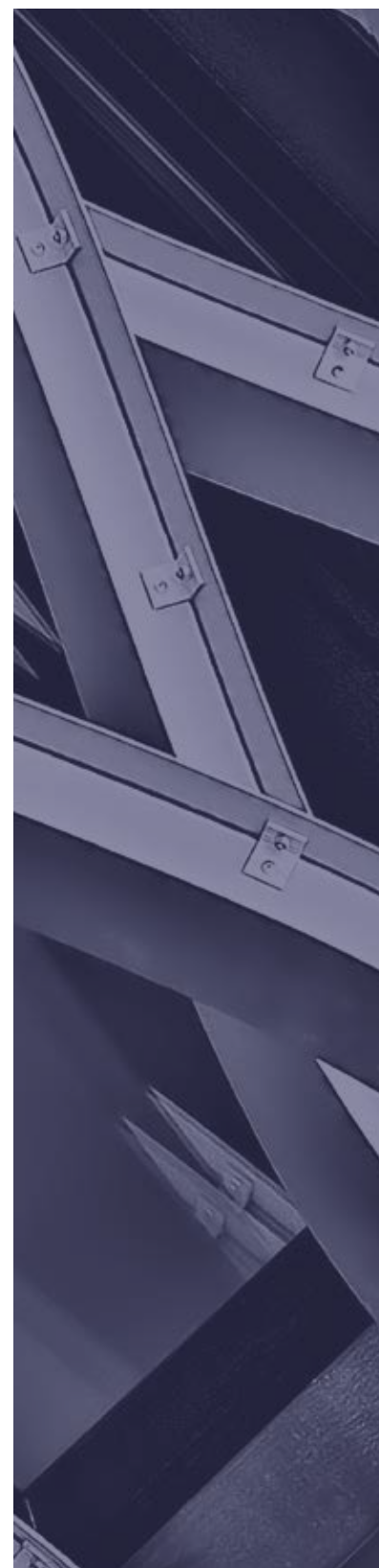
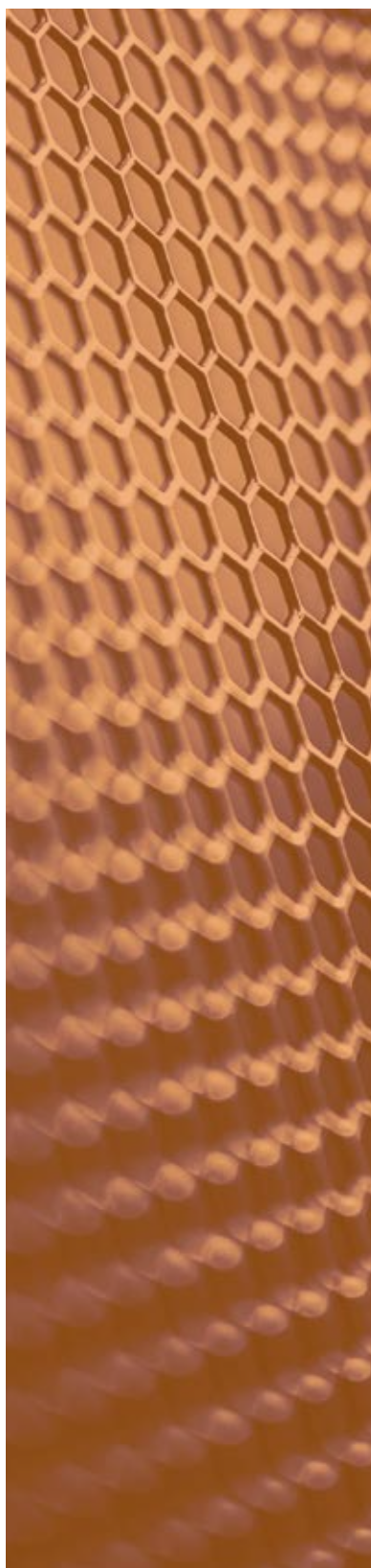
Nascido em Porto Alegre em 21 de abril de 1933, é filho de Oscar Martins da Silva e Prudência Fernandes Martins. Casado com Hieldis Severo, pai de José Antonio Severo e Alberto Martins. Em 1972 o casal adotou Antoninho Ramos.

Participou de todos os projetos de expansão da Marcopolo e tornou-se uma das mais importantes e longevas lideranças do setor metalmeccânico. Viajou por quase todo o mundo em busca de novas tecnologias e novos mercados.

É vice-presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), membro do Conselho Superior de Comércio Exterior (COSCEX) e do Conselho Superior de Economia (COSEC), ambos da FIESP, membro do Conselho diretor da Associação Nacional dos Transportes Públicos (ANTP) e presidente do Sindicato Interestadual da Indústria de Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários (SIMEFRE). Foi presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Ônibus (FABUS), vice-presidente da FIERGS e é presidente da Associação do Aço do Rio Grande do Sul.

Recebeu diversos prêmios e homenagens. Leia mais sobre a trajetória de José Antonio Fernandes Martins no capítulo Homem do Aço.







**USIMINAS**





# A Associação do Aço do Rio Grande do Sul


Criada em 1963 com o objetivo de defender os interesses da cadeia produtiva que tem como insumo básico o aço, a Associação do Aço do Rio Grande do Sul – AARS – congrega as principais empresas que movimentam a economia gaúcha e contribuem para o desenvolvimento econômico e social.

Nesses 60 anos, a AARS viveu todos os momentos da economia brasileira e mundial, enfrentando os altos e baixos sem jamais deixar suas associadas desamparadas. A AARS ampliou e modernizou os serviços que disponibiliza às empresas, que passam por estatísticas setoriais, programas de qualidade, formação profissional, projetos de sustentabilidade, publicações e apresentação de pleitos junto às esferas governamentais.









Acompanhar a evolução  
também significou dispor de  
uma sede adequada em cada  
momento de sua história.

Foi assim que a AARS saiu  
de um escritório no Centro de  
Porto Alegre para a moderna  
sede construída em aço que  
hoje é referência no Brasil.









Recepção do POA Innovation Center





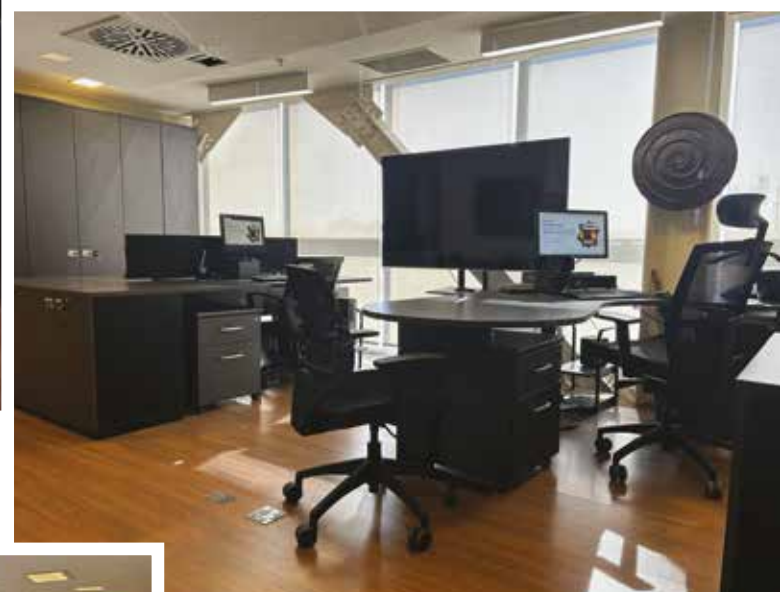




Hall do POA Innovation Center







Nas modernas instalações,  
disponíveis aos associados, a AARS  
trabalha na defesa dos interesses do  
setor do aço no Rio Grande do Sul



Momentos da construção do prédio POA Innovation Center, onde está a sede da AARS





A AARS doou ao município de Porto Alegre o prédio da Escolinha Vó Belinha, na Vila Mapa II, na Lomba do Pinheiro, em contrapartida à cedência do terreno onde foi construído o POA Innovation Center

# Diretoria atual

## **PRESIDENTE**

**JOSÉ ANTONIO FERNANDES MARTINS**

## **VICE-PRESIDENTES**

### **ADELAR SANTAREM**

**VP Aços Especiais e Não Planos**

Diferro Aços Especiais Ltda.

### **ANTONIO CARLO CALI**

**VP Tubos**

voestalpine Meincol

### **CESAR BILIBIO**

**VP Construção Metálica**

Medabil Sistemas Construtivos S.A.

### **EVERTON MARCELO KUIVER**

**VP Transportes**

Randon S.A. Impl. e Sist. Automotivos

### **ILDO PALUDO**

**VP Aço Inox**

Tramontina S.A. Cutelaria

### **LUIS FERNANDO B. MARTINEZ**

**VP Siderurgia**

CSN – Cia. Siderúrgica Nacional

### **LUIS PEDRO FERREIRA**

**VP Autopeças**

Dana Indústrias Ltda.

### **MARCO AURÉLIO COLARES**

**VP Embalagens**

Brasilata S.A. Embalagens Metálicas

### **MAURO DE PAULA**

**VP Distribuição**

Comercial Gerdau

### **PAULO SÉRGIO ZAMPROGNA**

**VP Serviços**

P.S. Zamprogna Prod. Met. Ltda.

### **ROBINSON BREUNIG**

**VP Máquinas e Implementos Agrícolas**

Kepler Weber Industrial S.A.

### **SÉRGIO ALBERTO NEUMANN**

**VP Metal Mecânica**

Metalúrgica Fallgatter Ltda.

# da AARS

## DIRETORES

### **ANGELIN ADAMS**

**Diretor Metal Mecânica**  
Bruning Tecnometal Ltda.

### **HUMBERTO EDSON CERVELIN**

**Diretor Serviços**  
PCP Produtos Siderúrgicos Ltda.

### **JOSÉ ANTONIO SILVA VARGAS**

**Diretor Distribuição**  
Panatlântica S.A.

### **LETÍCIA MEDEIROS SIMÕES**

**Diretora Secretária**  
Soluções Usiminas

### **LUIZ CARLOS DALLEMOLE**

**Diretor Construção Metálica**  
Dalle mole Estruturas Metálicas Ltda.

### **MILTON SUSIN**

**Diretor Financeiro**  
Reemaq Ind. de Equip. para Alimentação Ltda.

### **PAULO ROBERTO PERUZZO**

**Diretor Financeiro**  
Triches Ferro e Aço Ltda.

### **RODRIGO RIBEIRO RENNÓ**

**Diretor Siderurgia**  
Vallourec Tubos do Brasil S.A.

### **ROGÉRIO BEZNOS**

**Diretor Secretário**  
Aços Favorit Distribuidora Ltda.

### **RUBEN ANTONIO BISI**

**Diretor Transportes**  
Marcopolo S.A.

### **VALDECIR BERSAGHI**

**Diretor Tubos**  
Panatlântica Tubos

### **ÁLVARO SCHEIN**

**Vogal**  
Servicorte Ind. e Com. de Metais Ltda.

### **TÚLIO FRANCISCO JACONI**

**Vogal**  
Sidersul Produtos Siderúrgicos Ltda.

# A DIRETORA BETE



A diretora executiva da Associação do Aço do Rio Grande do Sul, Elisabete Lopes, é uma das pessoas que mais conhece o setor no Brasil. Está na linha de frente da defesa dos interesses da indústria gaúcha, dando o suporte às decisões da diretoria da AARS.

Bete, como é tratada no dia-a-dia, é responsável por muitos dos êxitos obtidos, que vão desde a realização de um evento até negociações de alta relevância, como questões tributárias, quando acompanha e subsidia a diretoria em reuniões com secretários, ministros ou governadores.

Tem na memória os principais acontecimentos da AARS, assim como situações inusitadas. Uma delas ocorreu durante viagem para visita técnica a uma plataforma da Petrobrás. “Essa viagem foi inesquecível. Era um mis-

to de medo e curiosidade. O pouso do helicóptero, para quem não está habituado, é algo que assusta. Muito vento, a plataforma se mexe o tempo todo e a sensação é que vai dar tudo errado. Mas os pilotos são muito preparados e tudo correu bem. Uma bela experiência.”

Lembra, ainda, das intermináveis conversas com gestores públicos para explicar porque era necessário receber aço no Rio Grande do Sul com preço igual a outras regiões, nas intensas discussões sobre o CIF Uniforme. “Nós temos tudo de cabeça, vivemos essa realidade no nosso cotidiano, mas os governantes mudam. Ao longo desses anos foi um exercício e tanto o trabalho para garantir isonomia de preço e condições com o restante do Brasil.”

Elisabete Lopes já vivenciou mais da metade dos 60 anos de existência da AARS.







# Troféu Homem do Aço

O Troféu Homem do Aço foi criado em 1975. É um dos mais respeitados reconhecimentos do setor industrial brasileiro, premiando personalidades ou empresas que se destacam no setor metalmeccânico. Realizado anualmente até 2014, quando passou a ser de dois em dois anos, já homenageou 34 pessoas e 10 empresas. Todos estão retratados nas próximas páginas.

O Homem do Aço foi criado para reconhecer aqueles que dedicaram grande parte de suas vidas para o desenvolvimento da indústria do Rio Grande do Sul. Mas era uma época em que havia praticamente só homens na condução das empresas. Gradativamente a mulher foi ocupando espaços em todos os setores econômicos e assumindo postos de liderança. Atualmente, há mulheres em todo tipo de indústria e não é raro encontrar executivas em diferentes segmentos.

No ano de seu 60º aniversário, a AARS decidiu mudar a premiação para Destaque do Aço, o que permite reconhecer homens, mulheres e empresas.





1975

**BERNARDO  
GEISEL**

**Aços Finos Piratini**

Bernardo Geisel nasceu em 21 de agosto de 1901, em Estrela (RS). Foi engenheiro químico e professor universitário. Segundo dos cinco filhos do casal August Wilhelm Geisel e Lydia Beckmann, era irmão do ex-presidente do Brasil, Ernesto Geisel (1974- 1979). Casou-se com Catarina Notgy Geisel, com quem teve um casal de filhos, Bernardo e Liane.

Entre os cinco irmãos foi o único que não quis seguir a carreira militar. Formou-se em 1923 na Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atuou como professor, tornando-se mais tarde Patrono do Diretório Acadêmico de Química. Dirigiu o Instituto de Química, presidiu a Associação Brasileira de Química, ajudou a fundar a Associação dos Químicos do RS, integrou o Conse-

lho Nacional de Pesquisa e dirigiu o Instituto Brasileiro de Siderurgia, participando da delegação brasileira na Assembleia das Nações Unidas. Em 1961 fundou a Aços Finos Piratini, durante o governo Leonel Brizola, mas que viria a ser inaugurada somente em 1973, pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici e pelo ex-governador Euclides Triches. Bernardo Geisel morreu em 23 de agosto de 1985, aos 84 anos, em Porto Alegre.

Em 14 de fevereiro de 1992 a Aços Finos Piratini foi privatizada, adquirida pelo Grupo Gerdau. A empresa foi a porta de entrada da Gerdau no segmento de aços especiais, possibilitando o lançamento do GG 50, primeiro vergalhão com marca e garantia de qualidade.



# 1976

## HANS DIETER SCHMIDT

Fundição Tupy



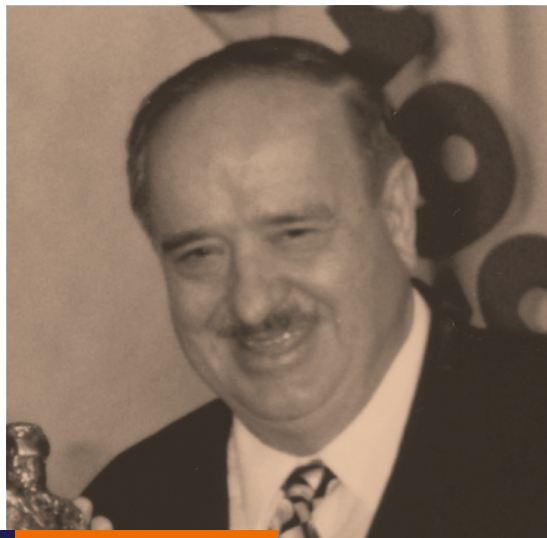
Hans Dieter Schmidt, nascido em Joinville em 1932, foi diretor-presidente da Fundição Tupy S.A., empresa fundada pelo pai, Albano Schmidt, em 1938. Estudou em Joinville (SC) e São Paulo e aos 26 anos assumiu a presidência da companhia em razão da morte do pai, em 1958.

Com muita disposição e visão de futuro, em poucos anos transformou a Tupy na líder em fundição na América Latina, inclusive transferindo a operação industrial que ficava no centro da cidade para o Distrito da Boa Vista, onde poderia expandir ainda mais.

Dieter foi líder empresarial e comunitário, tendo sido presidente da Associação Comercial e Indus-

trial de Joinville. Na gestão dele ocorreu a construção do prédio de 11 andares da entidade, cuja inauguração contou com a presença do então ministro Delfim Neto. Na área pública foi Secretário de Indústria e Comércio no governo Jorge Bornhausen (SC).

Casado com Maria Cláudia Quintanilha de Almeida Schmidt, teve três filhos. Hans Dieter morreu no dia 23 de setembro de 1981, aos 49 anos, em um acidente aéreo. A Fundição Tupy tem fábricas em Joinville, São Paulo, Betim (MG), Saltillo e Ramos Arizpe, no México, e Aveiro, em Portugal, além de escritórios no Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Itália e Holanda.



1977

## RAUL ANSELMO RONDON

**Randoncorp**

Raul Anselmo Randon nasceu em Tangará (SC), em 1929, mas mudou-se com a família ainda jovem para Caxias do Sul. Aos 14 anos Raul ajudava o pai nas atividades da ferraria. No final dos anos 1940, já em Caxias, abriu uma oficina de reforma de motores com o irmão Hercílio. Em 1951 a empresa incendiou. Enquanto o novo pavilhão não ficava pronto, os irmãos Randon voltaram a trabalhar no conserto e reforma de motores, em dois espaços improvisados: um, na Tecelagem Ermelinda Gianella, outro, na fábrica de trilhadeiras EDA, de propriedade de Evaristo e Antonio De Antoni.

Mais tarde foram apresentados a Antonio Primo Fontebasso, que deu a ideia de fabricar freios

a ar para reboques. Nascia ali a Mecânica Randon, que, um ano depois, ficaria somente com os irmãos Randon devido ao afastamento de Fontebasso por motivo de doença. Raul Randon presidiu as empresas Randon até 2006, quando passou para a Presidência do Conselho Administrativo, função que desempenhou até 2017.

Raul Randon foi presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul entre 1975 e 1978. Recebeu mais de 200 prêmios e distinções nacionais e internacionais.

Faleceu em 3 de março de 2018.





# 1978

## PLÍNIO OSVALDO ASSMANN

**Cosipa Cia. Siderúrgica Paulista**



Plínio Osvaldo Assman, nascido em Piratuba (SC), formou-se engenheiro mecânico e eletricitista pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Foi presidente do Instituto de Engenharia, Secretário dos Transportes do Estado de São Paulo, diretor-superintendente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, presidente da Companhia do Metropolitano de São Paulo, das Indústrias de Papel Simão de São Paulo e da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa).

Percorreu uma longa e exitosa trajetória profissional e de liderança, sendo eleito em 2015 pelo Instituto de Engenharia como Eminente Engenheiro

do Ano, pela brilhante carreira e contribuição dada à Engenharia.

A COSIPA - Companhia Siderúrgica Paulista - foi uma importante empresa siderúrgica estatal brasileira localizada em Cubatão (SP). Inaugurada em 1964, era parte de um projeto de fortalecimento da indústria e da infraestrutura para impulsionar o desenvolvimento do país. Em 1993 foi privatizada, adquirida pelo grupo espanhol Siderúrgica Nacional, hoje parte do Grupo ArcelorMittal.

Em 2006 passou a se chamar Usina Presidente Vargas e, em 2017, foi totalmente integrada à ArcelorMittal.



1979

**CARLOS  
STAIGER**

**Metalúrgica Staiger**

Carlos Staiger, nascido na Alemanha, em 1907, com o nome de Karl Staiger, migrou para o Brasil nos anos 1930.

Em Porto Alegre trabalhou como montador de instalações de aquecimento e abastecimento central e vários outros tipos de instalações industriais.

Em 1932 fundou a Metalúrgica Staiger, que mais tarde transformou-se na Staiger Indústria Metalúrgica, da qual se tornou diretor-presidente. Além da Associação do Aço do RS participou do surgimento de outras entidades associativas e escreveu o livro *O Capital Humano*, inspirado em algo que sempre

defendeu e se empenhou: o investimento em treinamento e educação dos jovens metalúrgicos.

Recebeu reconhecimentos como a Medalha Industrial do Rio Grande do Sul, o Troféu Gaúcho Honorário e o Troféu Homem do Aço. Nos negócios, também fundou a Cabanha Santa Bárbara, no município de São Jerônimo.

Faleceu em 1997, com quase 90 anos. Nas páginas fotográficas que ilustram o começo e o fim deste livro há imagens da Staiger Indústria Metalúrgica.



# 1980

## JORGE DAHNE LOGEMANN

**SLC John Deere S.A.**



Jorge Antonio Dahne Logemann foi um pioneiro empresário gaúcho, tendo sido diretor-presidente da Schneider e Logemann S.A., uma das maiores empresas do setor agroindustrial do Rio Grande do Sul. Foi nessa empresa que nasceu a primeira colheitadeira nacional, em 1965.

Jorge Logemann também foi o primeiro prefeito de Horizontina (RS), de 1955 a 1960. No município há um monumento em homenagem a Logemann, fundador do Grupo SLC. Está localizado no cruzamento entre as ruas Arnoldo Schneider e Chafariz com a avenida que leva o nome de Jorge Antonio Dahne Logemann. O monumento é uma chama esculpida em bronze, como forma de manter viva a memória de um pioneiro.

Jorge nasceu em 1922 e faleceu no dia 25 de julho de 1987.

O Grupo SLC atua hoje no setor do agronegócio e tem uma robusta rede de concessionárias de máquinas agrícolas, com 18 unidades no Rio Grande do Sul. A indústria de máquinas em Horizontina (RS) foi totalmente vendida para a John Deere em 2001. A SLC Comercial representa a marca John Deere, abrangendo 213 municípios da região noroeste do Estado, com matriz em Cruz Alta e filiais em Santo Ângelo, Ijuí, Horizontina, Tupanciretã, Palmeira das Missões, Sarandi, Três Passos, Ibirubá, Frederico Westphalen, Passo Fundo, Erechim, Casca, Carazinho, Tapejara, Espumoso, Arroio do Tigre e Soledade.





# 1981

## JOSÉ ZAMPROGNA

**Zamprogna S.A.**

José Zamprogna foi um mestre em todas as funções que exerceu. Como liderança de classe, trabalhou de forma incansável nos interesses da comunidade empresarial, notadamente como presidente da Associação do Aço do RS, onde atuou sempre em prol do preço uniforme do aço para todo o Brasil. Um homem com mente e vontade empreendedoras e que tinha uma firme crença no desenvolvimento da indústria metalúrgica brasileira. Tinha postura empresarial e profissional aguçada, com visão estratégica. Era formado pela Faculdade de Economia, Ciências Contábeis e Administração da Pontifícia Universidade Católica.

Antes de concluir o curso de Economia já contribuía com artigos para jornais de Porto Alegre. Du-

rante décadas colaborou com o Jornal do Comércio, Diário de Notícias, Jornal do Dia e Revista Vida Rural e Econômica. Também foi um dos fundadores da Sociedade de Economia e do Conselho Regional de Economia do Rio Grande do Sul.

José Zamprogna deu aulas de Economia Política na PUCRS e exerceu atividades voluntárias. Ajudou a criar e foi o primeiro presidente da Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre (Cepal). Presidiu a Comissão de Obras do Hospital Mãe de Deus, colaborou na fundação da entidade filantrópica Cidade de Deus e participou da criação de outras entidades, como AARS e o Instituto Nacional de Distribuidores de Aço.



1982

PAULO PEDRO  
BELLINI

Marcopolo S.A.



Paulo Bellini nasceu em Caxias do Sul, em 15 de janeiro de 1927, numa família de oito irmãos. Deixou a cidade quando já era maior de idade para estudar em Porto Alegre, onde se formou contador. Começou as atividades profissionais em 1949 como sócio-gerente na fundação da fábrica de carrocerias Nicola & Cia, que mais tarde se transformaria em Marcopolo, nome de um dos ônibus que a empresa apresentou no Salão do Automóvel em 1968. Em 1954, passou a diretor-gerente e, em 1971, foi eleito diretor-presidente, cargo acumulado com o de presidente do Conselho de Administração em 1977.

Em 1992, recebeu o título de Administrador do Ano, concedido pela Associação dos Administradores da Região Nordeste do Rio Grande do Sul. Presidiu o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas,

Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul, o Centro da Indústria Fabril, a Associação Comercial e Industrial e o Conselho Superior da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços.

No ano de 2004 recebeu a Medalha do Conhecimento do Governo Federal. Cinco anos depois foi vencedor do prêmio Top Ser Humano. Lançou o livro de memórias *Marcopolo: sua viagem começa aqui*, em 2012. Nesse mesmo ano se afastou da rotina da empresa, tornando-se presidente emérito.

Apostava sempre nas pessoas e costumava dizer “meu time faz acontecer”. Deixou como legado uma empresa forte, respeitada no mundo todo, que cruzou por diferentes crises em mais de sete décadas, mas sobreviveu e se consolidou no Brasil e no exterior.

Casado com Maria Célia Bellini, falecida em 2013, teve dois filhos: Mauro e James. Paulo Bellini morreu em 15 de junho de 2017, aos 90 anos.

James e Mauro Bellini, filhos do fundador, lideram a Marcopolo, e dão continuidade à história da multinacional de 74 anos. James ocupa o cargo de presidente do Conselho de Administração da Marcopolo, enquanto Mauro atua como presidente do Conselho do Banco Moneo e é membro do Comitê de Estratégia e Inovação. Os dois irmãos desempenham papéis cruciais na multinacional brasileira. Em 2022, a companhia apresentou números bem expressivos, com significativo aumento de produção, atingindo 14.725 unidades, receita líquida consolidada de R\$ 5,415 bilhões e lucro bruto de R\$ 829,5 milhões.

“Estamos comprometidos em moldar o futuro da mobilidade, aproximando pessoas às soluções inovadoras. A Marcopolo é mais do que uma empresa, é uma força que impulsiona a transfor-

mação na indústria de transporte”, explica Mauro Bellini.

Ao longo da trajetória da companhia, a Marcopolo se consolidou como uma desenvolvedora de soluções completas em mobilidade. Entre os exemplos estão o ônibus elétrico Attivi Integral, que conta com chassis e carroceria próprios, além dos trens da Marcopolo Rail. Em 2023 foi inaugurada, também, uma fábrica de polímeros e peças em grafeno para contribuir com a sustentabilidade dos veículos.

“Olhamos com atenção para o futuro da mobilidade e queremos contribuir com a transformação do mercado. Para isso, investimos no desenvolvimento de veículos mais sustentáveis. Já temos cerca de 700 ônibus elétricos e híbridos, feitos com chassis de parceiros, em circulação em diversos países, como Colômbia, Chile, Argentina, Austrália e Brasil, além de projetos de ônibus movidos à célula de hidrogênio”, finaliza James Bellini.





1983

FRANCISCO  
PAULO BASSO

Triches Ferro e Aço Ltda.



Francisco Paulo Basso, filho de imigrantes italianos e nascido em Flores da Cunha (RS), trabalhou desde cedo. A necessidade de trabalhar o impedia de ir à escola, mas cresciam a determinação e a coragem. Aos 19 anos, já em Caxias do Sul (RS), conheceu Gino Triches, jovem também, que ajudava a mãe viúva na ferragem que fora de seu pai. Gino convidou e Basso aceitou trabalhar com ele. Pela sua simplicidade, franqueza e interesse mereceu a confiança e logo passou a um cargo de chefia. Procurando conhecer pessoalmente os compradores, suas capacidades e limitações, concluiu que a região tinha condições para desenvolvimento e dedicou-se ao setor de ferros e aço, onde permaneceu pelo resto da vida. Muitas empresas nasceram do estímulo e orientações daquele que, além do ferro e aço, ampliou o comércio para venda de máquinas

operatrizes, identificando oportunidades e abrindo horizontes, crescendo e ajudando outros a crescer. Sua capacidade e visão para o negócio fizeram a empresa prosperar. Francisco faleceu em seis de março de 1993, aos 76 anos.

Em 15 de janeiro de 2024, a Triches Ferro e Aço completará 71 anos, mantendo o espírito pioneiro que a trouxe até aqui. A empresa lidera o setor como uma das principais fabricantes de tubos, chapas, fitas, blanks e telhas do sul do País. A dedicação possibilitou à companhia prosperar em um mercado em constante evolução. A experiência e o entusiasmo permitem olhar para o futuro, pronta para enfrentar os desafios que virão, na certeza de continuar a oferecer produtos de qualidade superior, soluções inovadoras e serviços especializados.



1984

**LUIZ  
ADAMS**

**Massey**

Luiz Adams foi executivo da Massey Ferguson, empresa nascida em 1953 da fusão entre as marcas Massey Harris, originária dos Estados Unidos e Canadá, e Ferguson, originária da Inglaterra. Adams presidiu a AARS por seis anos, de 1977 a 1982, quando transferiu o cargo para Raul Anselmo Randon.

A Massey Ferguson instalou-se no Brasil em 1957, como parte do plano de expansão industrial do Governo Juscelino Kubitschek. Em 1961 o mo-

delo 50 X era produzido em Taboão da Serra (SP). Com 36 cavalos de potência foi o primeiro trator da marca fabricado no Brasil. A fábrica de Canoas (RS) começou a operar em 1969.

Em 1994 a empresa foi adquirida pela norte-americana AGCO, líder global em desenvolvimento, fabricação e distribuição de soluções agrícolas. A AGCO é dona das marcas Challenger, Fendt, GSI, Massey Ferguson e Valtra. No Rio Grande do Sul há fábricas em Canoas, Santa Rosa e Ibirubá.



1985

JORGE GERDAU  
JOHANNPETER

Siderúrgica Riograndense



Jorge Gerdau Johannpeter nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1936. Em sua longa e próspera trajetória empresarial, recebeu diversos reconhecimentos, entre eles o de um dos 100 brasileiros mais influentes, da revista Época, em 2009. Cinco anos depois ficou em primeiro lugar entre os 100 líderes de melhor reputação no Brasil.

Sempre preocupado com a eficiência e a qualidade, tornou-se precursor na busca por melhorias, tanto na iniciativa privada como no setor público. Fundou o Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade (PGQP) e o Movimento Brasil Competitivo (MBC). Integra a Academia Internacional da Qualidade e o Conselho da Fundação Nacional da Qualidade. Fundou e presidiu por 10 anos o Conselho de Governança do Movimento Todos pela

Educação e o Conselho da Fundação Iberê Camargo. Também integra o Conselho da ONG Parceiros Voluntários, o Conselho do Instituto do Aço Brasil, onde foi presidente por duas vezes, o Conselho Superior Estratégico da FIESP e o Conselho Consultivo Escritório do David Rockefeller Center for Latin American Studies no Brasil, mantido pela Universidade de Harvard.

Em 1994 Jorge Gerdau foi condecorado pelo presidente Itamar Franco, com a Ordem do Mérito Militar no grau de Comendador Especial. Em 2006 foi admitido por Luiz Inácio Lula da Silva, à Ordem do Rio Branco, também no grau de Comendador Especial.

Nos anos 1960 já fazia os primeiros movimentos que viriam a ser decisivos para o crescimen-



to da empresa. Na época adquiriu a Fábrica de Arames São Judas. De 1983 a 2006 presidiu o Grupo Gerdau, liderando o que viria a ser uma das maiores companhias siderúrgicas do mundo. Em 2007 assumiu a presidência do Conselho de Administração.

Jorge Gerdau é o terceiro filho de Curt Johannpeter e de Helga Gerdau, a filha mais velha de Hugo Gerdau. É bisneto de João Gerdau, o fundador da empresa. Tem três irmãos: Klaus, Frederico e Germano, falecido em 2023. É casado com Maria Elena Pereira Johannpeter e tem cinco filhos: Carlos, André, Beatriz, Marta e Karina.

A Gerdau está no seletto grupo das companhias centenárias no mundo. Tudo começou em 1901, com a Cia. Fábrica de Pregos Pontas de Paris, em Porto Alegre. Entre 1948 e 1980 a Gerdau se expandiu, adquirindo operações como a Siderúrgica Rio-grandense (RS) e a AçoNorte (PE), e inaugurando a primeira filial Comercial Gerdau (SP) e a Gerdau Cosigua (RJ).

Em 1980 se inicia o processo de internacionalização, com a compra da Siderúrgica Laisa, no Uruguai. Mas foi em 1983, com Jorge Gerdau na presidência, que a Gerdau decidiu se tornar multinacional. Nesse período são adquiridas a Usina Barrão de Cocais (MG), a Courtice Steel Canadá, primeira operação na América do Norte, a Siderúrgica Piratini (RS), a Usina da Província de Santa Fé, na Argentina, e entra em operação (1986) a Açominas (MG). Localizada nos municípios de Congonhas e Ouro Preto, tem área de dez mil hectares e capacidade de produção de três milhões de toneladas de aço por ano.

Ao completar 100 anos, em 2001, a Gerdau faz uma grande e simbólica aquisição para o seu plano de internacionalização, comprando a Ameristeel, nos Estados Unidos. Pouco tempo depois, em 2006, adquire a Siderperu, no Peru.

O grupo seguiria crescendo na gestão de André Gerdau Johannpeter. Leia em Homem do Aço 2008.



1986

GUIDO MÁRIO  
D'ARRIGO**Intral S.A. Ind. de Materiais Elétricos**

Guido Mário D'Arrigo foi presidente da Intral de 1954 até 2005, empresa fundada em 1950 e hoje líder no mercado nacional de fabricação de lâmpadas, luminárias de LED e drivers, ano em que também atuou como presidente do Conselho de Administração.

Nascido em Garibaldi, filho de Francisco D'Arrigo e Theodolinda Lorenzoni D'Arrigo, Guido casou-se com Nadyr Renée Toni D'Arrigo, com quem teve quatro filhos.

D'Arrigo liderou uma marca 100% nacional, que oferece um amplo portfólio de produtos para o setor de iluminação e conta com atuação no mercado brasileiro e da América Latina.

A Intral dispõe de parque fabril em Caxias do Sul (RS), com mais de 300 colaboradores, e três showrooms: Curitiba, Belo Horizonte e Cuiabá. Aquela que foi uma pequena fábrica de reatores para as novas e recém-chegadas lâmpadas fluorescentes nos anos 1950, desde 2008 é a única empresa do Brasil a produzir lâmpadas bulbo de led completamente, em todo seu processo, com fabricação em território nacional de 100% dos componentes desse modelo, e capacidade de produção de 1.500 lâmpadas por hora.

Guido D'Arrigo também teve forte participação em entidades representativas, como Centro da Indústria Fabril, Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul, Sindicato da Indústria Metalmeccâ-

nica de Caxias do Sul, Federação das Indústrias do RS e Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (SP).

Recebeu diversas premiações e reconhecimentos nacionais e internacionais, como o Mérito Industrial da

Fiergs/Ciergs, Diploma “Gigia Bandera”, Título de Cidadão Caxiense, Medalha do Pacificador, Troféu O Administrador do Ano e Ordem do Mérito Industrial, concedida pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).





1987

PEDRO  
SIMON

Governador RS 1983-1986

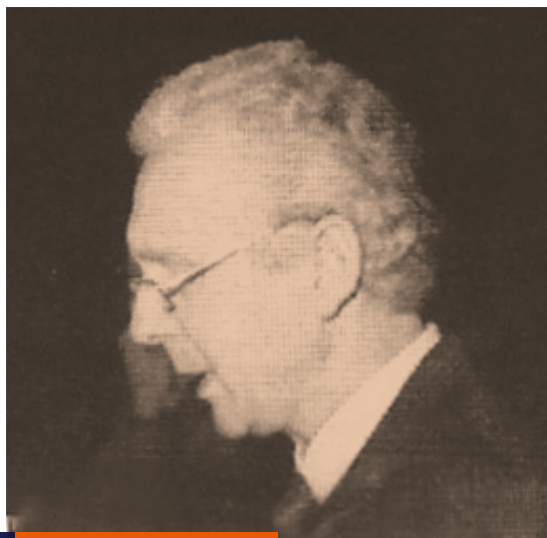


Pedro Simon é um dos principais nomes da política brasileira. Recebeu o Troféu Homem do Aço em 1987 quando era governador do Rio Grande do Sul, mas ocupou outros cargos. A primeira eleição foi em 1960 para vereador pelo PTB em Caxias do Sul, sua terra natal. Dois anos depois já era eleito deputado estadual, sendo reeleito até 1978.

Na Assembleia Legislativa do RS foi líder do PTB, MDB e PMDB. Em 1978 elegeu-se senador pela primeira vez para o período 1979-1987. Mas em 1985 tornou-se Ministro da Agricultura do governo Sarney. No ano seguinte foi eleito governador. No último ano do mandato, voltou a se eleger para o Senado, sendo reeleito em 1998 e 2006.

Pedro Simon dedicou 65 anos de sua vida para a carreira pública. Formado em Ciências Jurídicas, com pós-graduação em Economia Política, foi um dos líderes da oposição ao regime militar, tendo se tornado um expoente na luta pela redemocratização, ao lado de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Teotônio Vilela, Mário Covas e Leonel Brizola.

Descendente de libaneses que chegaram em Caxias do Sul em 1922, originários de El Kufur, é viúvo de Tânia Simon, falecida em 1985, com quem teve três filhos: Tiago, Tomaz (falecido em 2021) e Mateus (falecido em 1984 em um acidente de carro). É casado com Ivete Simon, com quem teve o filho Pedro.



1988

HELMUT  
KEPLER

**Kepler Weber Industrial S.A.**

Helmut Kepler foi um dos sócios da Kepler Weber Industrial, empresa nascida em 1925 e que hoje é líder em pós-colheita da América Latina, com 40% de market share Brasil.

Helmut é descendente dos irmãos Otto e Adolfo, que iniciaram uma pequena oficina em Neu Wurttemberg, hoje Panambi (RS).

Ao longo das décadas a empresa se desenvolveu, a ponto de chamar a atenção de grandes grupos investidores. Em fevereiro de 1996 a Kepler Weber teve seu controle acionário adquirido por

instituições de primeira linha do mercado financeiro e de investimentos da América Latina.

Aos 98 anos a empresa está presente em 53 países, com 130 agentes comerciais, contando com sete centros de distribuição no Brasil. Em 2022, 70% da receita líquida da companhia foram provenientes de recursos próprios e 30% de financiamentos realizados pelos clientes. A aposta é grande no Brasil, único país com duas safras no ano, mas a Kepler Weber vem crescendo as exportações desde os anos 1970, com forte atuação na África, América Central e Eurásia.



1989

BENTO CARLOS  
CARNEIRO

Triches Ferro e Aço Ltda.



Bento Carlos Carneiro, um dos fundadores da Associação do Aço do Rio Grande do Sul, foi um empreendedor com visão de futuro e importante liderança empresarial.

Mentor de muitos empresários e executivos, estava a frente de seu tempo, sempre enxergando

a longo prazo. Tinha grande capacidade de antever cenários, o que lhe permitia agir com antecipação em diferentes situações.

Executivo de sucesso, atuou em várias empresas, encerrando a vida profissional no Grupo Triches.





1990

CARLOS AUGUSTO  
LAGHI

Olvebra

Carlos Augusto Laghi foi diretor-superintendente das Divisões Embrasa e Guerreiro, produtoras de embalagens metálicas, da Olveplast, fabricante de embalagens plásticas. Todas empresas pertencentes ao Grupo Olvebra. Laghi foi o responsável pela introdução de uma nova tecnologia de soldagem eletrônica em embalagens metálicas.

Nascido em São Paulo, estava no Rio Grande do Sul há 12 anos quando recebeu o Troféu Homem do Aço. Chegou ao RS para trabalhar na Metalúrgica Guerreiro, em Pelotas, antes mesmo de sua aquisição pelo Grupo Olvebra.

Com passagem pela Metalúrgica Matarazzo, em São Paulo, possuía grande experiência nas áreas de embalagens para produtos processados

e para óleos comestíveis. Em função dessa enorme experiência foi convidado a dirigir a Divisão Embrasa da Olvebra Industrial S.A. Quando o grupo assumiu o controle da Metalúrgica Guerreiro, em 1985, passou a ser o diretor-superintendente.

A Divisão Embrasa atua na produção de embalagens metálicas para óleos comestíveis. Fundada em 1972, em Eldorado do Sul (RS), tem fábricas, também, em Cascavel, Maringá e Londrina (PR), e em São Paulo (SP). A Divisão Embrasa atende os mercados da Região Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

A Divisão Guerreiro é especializada na produção de embalagens metálicas para alimentos processados.



1991

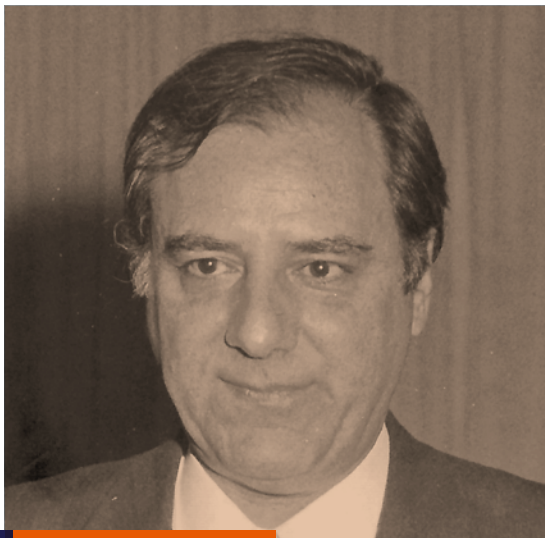
SÉRGIO NICOLAU  
SCHAPKE

Cia. Geral de Indústrias



Sérgio Nicolau Schapke foi diretor-presidente da Companhia Geral de Indústrias, fabricante de fogões e aquecedores, até o final dos anos 1990. A partir dos anos 2000 a empresa foi transforma-

da em cooperativa, administrada pelos funcionários. Schapke também foi presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), no período de 1980 a 1983.



1992

**NORBERTO  
FARINA**

**lochpe-Maxion S.A.**

Norberto Farina foi executivo da lochpe-Maxion, companhia global, líder mundial na produção de rodas automotivas e um dos principais produtores de componentes estruturais automotivos nas Américas. A empresa possui 32 unidades fabris, localizadas em 14 países e cerca de 17 mil funcionários, possibilitando atendimento aos clientes do mundo todo nos prazos e padrões de qualidade exigidos.

A lochpe-Maxion é uma companhia de alto nível de conhecimento técnico, que busca constantemente fornecer soluções inovadoras nas áreas de atuação, utilizando-se das macrotendências globais para o desenvolvimento de novos produ-

tos e tecnologias de forma independente ou em cooperação com parceiros estratégicos.

Opera o principal negócio por meio de duas divisões: Maxion Wheels e Maxion Structural Components. Na Maxion Wheels é produzida e comercializada uma ampla gama de rodas de aço para veículos leves, comerciais e máquinas agrícolas e rodas de alumínio para veículos leves. Na Maxion Structural Components são produzidos longarinas, travessas e chassis montados para veículos comerciais e conjuntos estruturais para veículos leves. Já a AmstedMaxion (negócio em conjunto), produz rodas e fundidos ferroviários, fundidos industriais e vagões de carga.





# 1993

## ADROALDO CARLOS AUMONDE

**Elevadores Sür S.A.**



Adroaldo Carlos Aumonde foi empreendedor com participação em várias empresas. Levantamentos recentes mostram seu nome como sócio em oito companhias no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo, sendo sete matrizes e uma filial. Três ainda estão ativas. A mais antiga entre as ativas é a Epart Administração e Participações Ltda, aberta em 29 de setembro de 1966.

Quando recebeu o Homem do Aço, em 1993, Aumonde fazia parte da diretoria da Elevadores Sür S.A., cuja sede ficava em Guaíba (RS).

Em 1999, quando era a única empresa de capital nacional que atuava no setor, foi vendida para a Thyssen, da Alemanha, em uma operação de US\$ 109 milhões. Nascia a Thyssen Sür, um braço importante da holding Thyssen Krupp, que tem 4.000 colaboradores na América do Sul, uma de suas principais operações fora da Alemanha. Também está presente na Argentina e no Chile, além de outros países da Europa.

A Thyssen Sür fabrica elevadores, escadas e esteiras rolantes e fingers para aeroportos.



1994

**HÉLIO  
WOSIACK**

**Recrusul S.A.**

Hélio Wosiack foi diretor-presidente e acionista controlador da empresa Recrusul S.A., tendo sido indicado por lideranças empresariais para a presidência do SINDIMETAL RS, onde permaneceu de 1982 a 2003. Entre as principais realizações está a construção do prédio do Centro das Indústrias, onde está sediado o SINDIMETAL RS.

No período em que esteve à frente do sindicato, também atuou como representante junto à

Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, tendo sido, inclusive, vice-presidente da FIERGS.

Entrou para a história do SINDIMETAL RS como um dos mais importantes líderes, reconhecido por muitas realizações, em especial a ampliação do patrimônio com a construção do edifício, que hoje abriga outras entidades sindicais patronais e escritórios profissionais.



1995

INGOMAR  
BRUNE

Bruning Tecnometal Ltda.



Ingomar Brune foi um visionário, sempre focado na educação, capacitação profissional e desenvolvimento tecnológico. Tanto que é um dos precursores na implantação de robôs no sistema de produção industrial do Rio Grande do Sul.

Valorizador da educação profissional, recebeu uma homenagem do Senai, em 2021, quando a escola em Panambi passou a se chamar Centro de Formação Profissional Senai Ingomar Brune.

Nascido em 28 de novembro de 1944, Brune começou a trabalhar aos 19 anos na empresa Ernesto Rehn, como desenhista mecânico industrial. Tornou-se sócio em 1966, assumindo a gestão

da atual Bruning Tecnometal Ltda. A Bruning atua nos segmentos automotivo, rodoviário, agrícola e de construção em uma planta fabril com aproximadamente 130 mil m<sup>2</sup> e 3.300 funcionários.

A empresa mantém sua essência de investir constantemente na qualificação de seus profissionais, hoje através do Centro de Treinamento Bruning. A companhia se baseia em três pilares: tecnologia e inovação, soluções tecnológicas e inovação corporativa. A prova disso é a moderna planta industrial, onde, entre outras ferramentas tecnológicas de ponta, existem 140 robôs ajudando a fabricar produtos de alta qualidade.





# 1996

## ATÍLIO BILIBIO

**Medabil Varco-Pruden S.A.**

Atilio Bilibio foi um desbravador nas diversas atividades que implementou, sendo um grande incentivador a quem quer iniciar um negócio. Escreveu o livro *Como começar uma indústria com pouco dinheiro e muita paixão*, onde revelou seu pensamento sobre a gestão de um negócio.

Num trecho do livro, disse: “Os modismos administrativos e de gestão se sucedem quase com a mesma frequência que os novos figurinos do vestuário. Houve o tempo em que prevaleceu o Planejamento Estratégico, que continua importante, agora com sua real dimensão em todo funcionamento da empresa. (...) Planejar de forma científica e dentro dos parâmetros recomendados pelos livros e consultores, num país com tantas incerte-

zas, pode trazer muitas frustrações. (...) Minha paixão se chama pensamento estratégico. Ele fixa seu norte. As oscilações ou derivações do barco não impedem que você continue a mirar o rumo correto.”

Atilio Bilibio criou a Medabil, referência em soluções construtivas. Está presente em todo o Brasil e em mais de 20 países da América Latina, Europa e África. Possui um dos complexos industriais mais modernos do mercado mundial para produção de estruturas metálicas, com duas unidades fabris.

Atílio Bilibio faleceu em julho de 2007, no acidente aéreo com avião da TAM em Congonhas, São Paulo.



1997

ANTÔNIO  
BRITTO

Governador RS 1995-1998



Antônio Britto começou a trabalhar no Jornalismo no jornal de seu pai, Antônio Saturnino Correia de Britto, antes de cursar a faculdade na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O primeiro trabalho profissional foi em 1970, no Jornal da Semana, publicação dominical do Grupo Sinos, como redator de futebol. Aos 19 anos, por indicação do jornalista Paulo Sant'Anna, virou repórter do jornal Zero Hora. Em 1972 foi para a Rádio Guaíba e em 1978 voltou à RBS, desta vez na então TV Gaúcha, onde chegou à Gerência de Jornalismo. Nessa mesma época assumiu a editoria de política da Rede Globo, em Brasília, atuando como apresentador e comentarista.

Em 1985 tornou-se Secretário de Imprensa do governo Tancredo Neves, tendo atuado como porta-voz até 21 de abril daquele ano, quando anunciou a morte

do presidente eleito. A projeção nacional o fez ingressar na política, a convite de Ulisses Guimarães, sendo eleito deputado federal em 1986 pelo PMDB. Em 1992 assumiu o Ministério da Previdência Social, já no governo Itamar Franco. Ganhou ainda mais popularidade, vindo a ser eleito governador do RS em 1994. Em seu governo conquistou investimentos importantes, como as fábricas da General Motors e da Pirelli, ambas em Gravataí. Também promoveu a privatização do setor de telefonia e parte do setor de energia elétrica, reformas administrativas e implantação de polos rodoviários. Em 1998, ao não conseguir se reeleger, retornou à iniciativa privada.

Desde 2021 é diretor-executivo da Associação Nacional de Hospitais Privados.



1998

**ANTÔNIO  
ROSO**

**Metasa S.A.**

Antônio Roso começou a trajetória profissional muito cedo. Aos 17 anos mudou-se para Porto Alegre para estudar e trabalhar. Quando retornou a Marau investiu em uma lancheria e um cinema, mas seguiu estudando, formando-se em Direito pela Universidade de Passo Fundo.

No final de 1975, junto com outros empreendedores, fundou a Metalúrgica Arcovila, passando a se chamar Metasa S.A. Indústria Metalúrgica em 1986. A partir daí trilhou o caminho de muitos desafios, conquistando grandes vitórias, sempre com arrojo e audácia.

Antônio Roso foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Marau, vice-presidente do Sistema CIERGS/FIERGS, membro da CNI e do

PGQP. Em 15 de maio de 2018 recebeu a Medalha do Mérito Farroupilha da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, por iniciativa do deputado Vilmar Zanchin.

Filho de Mário Roso e Amábile Cristhan Roso, nasceu em nove de fevereiro de 1947, na comunidade Linha 18 Roso, à época pertencente a Guaporé, hoje Vila Maria. Descendente de italianos, foi o oitavo filho de uma família de 10 irmãos.

A Metasa S.A. é hoje uma das maiores do Brasil, pioneira no desenvolvimento de soluções de engenharia, fabricação e montagem em estruturas metálicas para os segmentos da construção civil, de infraestrutura, de mineração, de óleo e gás, de papel e celulose, e nas áreas petroquímica e siderúrgica.





# 1999

## FRANCISCO STEDILE

**Agrale S.A.**



Francisco Stedile nasceu em 17 de maio de 1922 no atual município de São Marcos, que à época era distrito de Caxias do Sul (RS). Casou-se com Amábile Zanandréa Stedile, com quem teve os filhos Alfredo, Dolaimes, Vera, Carlos e Franco.

Inicialmente dedicou-se às atividades agrícolas, mas em 1942 comprou seu primeiro caminhão e passou a atuar no ramo de transportes rodoviários.

Em 1946, iniciou a trajetória empresarial fundando a Auto Mecânica de Caxias do Sul, e nos anos seguintes, a Importadora Auto Nordeste, ligada ao ramo de produtos de borracha e concessionária automotiva.

Em 1954, movido pelo espírito empreendedor, viajou à Itália em busca de novos negócios e re-

cebeu de uma empresa italiana licença para a fabricação de lonas para freio e revestimentos de embreagem, fundando assim a Fras-le, hoje uma empresa de destaque mundial em seu segmento.

Em 1965, Stedile adquiriu o controle acionário da Agrisa, que passou a denominar-se Agrale S.A.

Da produção inicial de motocultivadores, tratores e motores diesel, criou o caminhão leve TX 1100, origem da atual linha de veículos Agrale. A esse projeto somaram-se, em 1982, as linhas de motocicletas e ciclomotores. Hoje, a empresa atua nos segmentos de tratores, motores, caminhões, chassis para ônibus e utilitários 4x4, e tem presença marcante tanto no território nacional como em diversos países da América Latina, África, Ásia e na Austrália.

Stedile foi fundador também das empresas Agritech Lavrale e Fazenda Três Rios, entre outros empreendimentos que fizeram parte de sua relevante trajetória empresarial.

Faleceu em 2006, deixando como legado o exemplo de um homem empreendedor, ousado

e ético, que teve forte participação na sociedade, contribuindo com diversas entidades de classe e com ações comunitárias, tendo sido presidente da Câmara de Indústria de Caxias do Sul e da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, cujo estádio, hoje, leva seu nome.



# 2000

## PAULO D'ARRIGO VELLINHO

**Paulo Vellino & Cia. Ltda.**



Nascido em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, passou quase toda a vida na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Formado em Química Industrial pela Universidade Federal do RS, em 1949, dedicou-se à administração de empresas e à liderança de entidades. Tornou-se conhecido por fundar nos anos 1950 a Springer Indústria de Ar Condicionado, que mais tarde foi associada à marca americana Carrier.

Paulo Vellino foi uma grande liderança empresarial, tendo presidido importantes entidades, como a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul e o Centro das Indústrias do RS, de 1971 a 1974. Também presidiu a Associação Gaúcha de Avicultura.

Em 2014 foi homenageado pelo Sindratar-SP, na gestão de José Rogelio Medela. Em 2018

lançou uma biografia, escrita por Mário Santi, relatando os 60 anos de experiências no empreendedorismo. O livro se chama *O Realizador de um sonho chamado Springer* e apresenta a trajetória do empresário que, no final da década de 1940, percebeu que o futuro de sua empresa, até então uma simples oficina e comércio de itens de refrigeração, era outro, ou seja, uma indústria de bens de consumo com tecnologia moderna.

Em 2021, Paulo Vellino virou nome de prêmio concedido pela Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA) para reconhecer empresários que investem no desenvolvimento econômico e social da cidade. A ACPA teve como presidente sua filha, Suzana Vellino. O empresário morreu no dia 8 de setembro de 2022, dois dias após completar 95 anos.



# 2001

## GENERAL MOTORS DO BRASIL

Fundada em 1911, em Detroit, a Chevrolet é uma das maiores marcas de veículos do mundo, com negócios em mais de 100 países e vendas anuais de mais de quatro milhões de veículos. A Chevrolet oferece aos clientes veículos com consumo eficiente, desempenho envolvente, design inovador, características de segurança passivas e ativas e tecnologia de fácil utilização.

A General Motors tem o compromisso de oferecer às pessoas meios de locomoção melhores, mais seguros e sustentáveis. A GM, suas subsidiárias e entidades de joint venture vendem veículos sob as marcas Chevrolet, Cadillac, Baojun, Buick, GMC, Holden, Jiefang e Wuling. Informações com-

pletas sobre a empresa e suas subsidiárias, incluindo a OnStar, líder mundial em segurança de veículos, serviços de segurança e informações, a Maven, sua marca de mobilidade pessoal, e a Cruise, sua empresa de veículos autônomos e car sharing, podem ser encontradas em [www.gm.com](http://www.gm.com).

A GM do Brasil é a maior subsidiária da General Motors na América do Sul e a segunda maior operação do grupo fora dos Estados Unidos. A empresa foi fundada em 1925, iniciando as atividades no bairro histórico do Ipiranga, em São Paulo.

Desde o ano 2000 tem uma fábrica também em Gravataí (RS).





# 2002

## PANATLÂNTICA



Fundada em outubro de 1952, em Porto Alegre, com a finalidade de comercializar aços planos no Rio Grande do Sul, a Panatlântica S.A. tem uma história de constante crescimento, aprimoramento e acompanhamento do mercado. Nestas sete décadas, a empresa passou por várias transformações, sem jamais deixar de evoluir.

Em 1955, ainda em Porto Alegre, começou o processamento de aços planos. Em 1968 passou a se chamar Aços Laminados Panatlântica S.A. Em 1971 abriu o capital. Em 1976 deu início às atividades em um novo centro de serviços, mais moderno, construído no Distrito Industrial de Gravataí, distante 25 km de Porto Alegre, onde até hoje ocupa uma área de 23 ha, com área construída de 23.000 m<sup>2</sup>. Em 1987 passou a se chamar Panatlântica

S.A. Em 2008 passou a ter uma filial em Glorinha. Em 2010 a CSN ingressou como nova acionista. Em 2013 expandiu negócios com a aquisição da Aktore de Caxias do Sul (RS), que passou a se chamar Panatlântica Tubos S.A. Em 2022 a empresa chegou aos 70 anos de existência.

A Panatlântica está posicionada entre os mais modernos centros de serviços de aços planos no Brasil. A operação é dedicada exclusivamente ao processamento e relaminação de aços planos, oferecendo soluções sob medida para os clientes.

A empresa também é uma das principais plantas na produção de tiras relaminadas no Brasil, sendo a única deste segmento com fábrica instalada no Sul do País.

Entre os compromissos da Panatlântida está a excelência que move a empresa e a torna referência no mercado. Um resultado construído pela perseverança dos acionistas, pela aprovação positiva dos clientes aos produtos e serviços, pela qualidade das matérias-primas fornecidas, pelas siderúrgicas nacionais e pelo empenho de colaboradores.

A Panatlântica tem como compromisso principal agregar valor aos produtos por meio da transformação de bobinas de aço em matéria-prima para toda indústria metalmeccânica, processados em modernos centros de serviços. Atualmente a empresa possui unidades operacionais, as afiliadas,

Panatlântica Tubos S.A. em Caxias do Sul (RS), com filial em Campo Limpo Paulista (SP), Panatlântica Catarinense S.A em Joinville (SC), com filial em Mandaguari (PR), Panaser S.A. em Farroupilha (RS), Tubospan S.A. em São Francisco do Sul (SC) e a empresa de Transportes Açolog com sede em Joinville (SC). Todas estão em sintonia para atender um mercado cada vez mais exigente de aços planos, através da eficiência e da alta qualidade dos produtos.

Com compromisso de unir tecnologia, qualidade e tradição do beneficiamento de aços planos em prol e parceria dos clientes.



# 2003

## KEPLER WEBER S.A.



A Kepler Weber é líder em pós-colheita da América Latina, com 40% de market share Brasil. Está presente em 53 países, com 130 agentes comerciais, contando com sete centros de distribuição no Brasil.

Nas operações, tem capacidade de fornecer equipamentos para armazenar cinco milhões de toneladas de grãos/ano, duas fábricas estrategicamente localizadas, com capacidade de administrar 300 obras por ano. Conta com mais de 1.700 colaboradores, incluindo aprendizes e terceiros. A Kepler Weber está presente em toda a cadeia de pós-colheita desde a originalização, logística, exportação, transformação e digital.

Em 2022, 70% da receita líquida da companhia foram provenientes de recursos próprios e 30% de

financiamentos realizados pelos clientes. A aposta é grande no Brasil, único país com duas safras no ano, mas a Kepler Weber vem crescendo as exportações desde os anos 1970, com forte atuação na África, América Central e Eurásia.

A empresa acredita que há três grandes linhas de investimento, com oportunidade de crescimento: déficit de armazenagem (grande potencial), melhoria da logística de escoamento da safra e pós-colheita gerando maior valor ao produtor. Isso vem se comprovando com o acelerado crescimento dos anos 2020, 2021 e 2022, em diferentes ciclos do agronegócio, como fazendas, negócios internacionais (exportações), portos e terminais.



2004

## JOHN DEERE BRASIL

Líder em equipamentos agrícolas e máquinas pesadas no mundo, a John Deere está comprometida com o sucesso dos produtores rurais, que cultivam, colhem, transformam e enriquecem a terra para enfrentar a crescente demanda mundial por alimentos, combustíveis, habitação e infraestrutura.

A empresa foi fundada em 1837 por John Deere, um renomado ferreiro do estado de Vermont, na cidade de Grand Detour, em Illinois, tornando-se uma das empresas industriais mais antigas dos Estados Unidos.

Seu produto inicial foi o primeiro arado de aço polido autolimpante da história, um avanço que auxiliou a migração para as planícies da região centro-oeste americana no século XIX e início do século XX e impulsionou a moderna Era da Agricultura,

permitindo aos agricultores abrirem sulcos precisos no solo e mudarem a forma como a plantação era feita nos EUA. O arado de ferro forjado com lâminas de aço era ideal para as difíceis condições do solo do meio oeste americano, região considerada como “terra prometida” na época.

Em 1841 a empresa patenteou o primeiro perfurador de solo para plantação de grãos. Com o crescimento do negócio foi obrigada a se mudar, em 1848, para a cidade de Moline, estado do Illinois. A proximidade com o rio Mississippi facilitava o transporte e viabilizava a chegada das matérias-primas e a distribuição no mercado dos cerca de 1.000 arados produzidos por ano. Em 1870 a John Deere, que comercializava uma linha de produtos que incluíam rastelos, perfuradores, cultivadores, ceifadoras e





plantadores, já era uma marca popular entre os fazendeiros e agricultores americanos.

A empresa iniciou sua participação no mercado brasileiro através de uma associação com a indústria brasileira Schneider Logemann & Cia. Ltda. em 1979, quando adquiriu 20% do capital da fabricante de equipamentos sediada em Horizontina (RS). Assim como a John Deere, a empresa brasileira tinha iniciado sua história como uma oficina mecânica de reparos. A oficina aberta em 1945 em Horizontina passou em 1947 a produzir trilhadeiras para cereais, com a marca SLC, e em 1965 foi a responsável pela produção da primeira colheitadeira auto-propelida no Brasil. A parceria entre as duas empresas acelerou a introdução da tecnologia da líder mundial nos equipamentos produzidos pela SLC.

A presença da empresa americana no Brasil ganhou peso maior a partir de 1996. Naquele ano, a li-

nha de tratores John Deere passou a ser produzida no Brasil, com a marca SLC – John Deere. A empresa aumentou sua participação na sociedade para 40% e foi constituída a SLC – John Deere Ltda. Em 1999, a John Deere aumentou novamente seus investimentos no Brasil adquirindo o controle total do capital da SLC – John Deere S.A. Ainda neste ano inaugurou a fábrica de colhedoras de cana-de-açúcar Cameco, em Catalão (GO).

Em 2001 a marca mundial John Deere passou a ser utilizada nos equipamentos produzidos no Brasil. Em 2008, inaugurou uma das mais modernas fábricas de tratores do mundo em Montenegro (RS).

Hoje a empresa possui quatro unidades de produção no país, responsáveis por 60% do total das exportações brasileiras de colheitadeiras e por 50% da colheita de grãos no país.



# 2005

## BERTOLINI

O Grupo Bertolini S.A., com sede em Bento Gonçalves (RS), foi fundado em 1969. Originalmente criado como uma metalúrgica por cinco irmãos da família, o negócio expandiu-se rapidamente graças ao empreendedorismo da região colonizada por imigrantes italianos. Atualmente, o Grupo Bertolini S.A. está consolidado com seis marcas: Bertolini Móveis (1977), Bertolini Sistemas de Armazenagem (1984), Evviva Móveis Planejados (2002), Logber Logística (2011), Bertolini fornecedora de tubos, slitter e chapas de aço (2011) e Save Space (2021). A Bertolini está posicionada como uma das grandes empresas brasileiras, 100% gaúcha e com operações no Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Pernambuco. Além das fábricas e escritórios espalhados pelo Brasil, conta com unidades de negócios nos Estados Unidos, México e Colômbia, totalizando mais de 1.100 colaboradores diretos. Como uma

grande empresa, são grandes os seus números: mais de 120 mil m<sup>2</sup> de área construída, frota própria com mais de 100 caminhões e exportação para 25 países. Inovação é uma premissa do Grupo Bertolini S.A.. Exemplo disso é o Centro Tecnológico Bertolini, implementado em 2009 e considerado um dos mais modernos laboratórios de análise de sistemas de armazenagem do Brasil. No Centro Tecnológico são realizadas pesquisas, desenvolvimento de produtos e testes que avaliam a qualidade dos produtos Bertolini, seguindo normas nacionais e internacionais.

A Bertolini tem compromisso com o crescimento, investe na capacitação pessoal e em tecnologia baseada na valorização das pessoas, de respeito ao meio ambiente e da crença em sua capacidade de inovação.



# 2006

## AGCO DO BRASIL



Líder mundial em concepção, fabricação e distribuição de máquinas agrícolas e tecnologia para agricultura de precisão. A AGCO possui em seu portfólio marcas como Challenger, Fendt, GSI, Massey Ferguson, Precision Planting e Valtra. A empresa foi fundada em 1990, com sede em Duluth, Geórgia, EUA. Em 2022 a receita líquida de vendas chegou a US\$ 12,7 bilhões.

No Brasil a AGCO tem fábrica em Canoas (tratores), Santa Rosa (colheitadeiras), Ibirubá (plantadeiras), todas no Rio Grande do Sul, e em Mogi das Cruzes (SP), onde produz tratores, motores, pulverizadores e geradores e opera o laboratório

de controle de emissões. Tem, ainda, a Unidade de Grãos e Proteína, com operações em Passo Fundo e Marau, ambas no RS. No estado de São Paulo também tem o Centro de Distribuição de Peças, em Jundiaí, e o Centro de Treinamento, em Campinas. Na Argentina são duas unidades, a General Rodriguez, em Buenos Aires, onde fabrica tratores, colheitadeiras e motores, e Haedo, que é um Centro de Distribuição de Peças.

O propósito da AGCO é fornecer soluções focadas no agricultor para alimentar o nosso mundo de forma sustentável. Sua visão é ser o parceiro de confiança para soluções agrícolas inteligentes.



2007

## JOSÉ ANTONIO FERNANDES MARTINS

**Marcopolo S.A.**

Graduado em Engenharia Mecânica, foi vice-presidente do Conselho de Administração da Marcopolo S.A., empresa onde começou a trabalhar em 1965 como engenheiro chefe, formado na primeira turma de Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1959.

No início de sua trajetória na Marcopolo trabalhou na criação de sistemas de controle de qualidade, controle de produção com racionalização de trabalho e formação de equipes. Em 1968 participou do estudo e projeção de um novo produto, o ônibus Marcopolo, que se tornou revolucionário e de muito sucesso.

Como executivo, participou da aquisição da Carrocerias Eliziário, de Porto Alegre, e de todas

as etapas de ampliação e desenvolvimento da empresa. Em 1974, por exemplo, liderou um grupo de técnicos em Gana, na África, na organização de uma fábrica para montagem de micro-ônibus produzidos pela Marcopolo, no Sistema CKD. A partir de então somaram-se vários contratos com países das Américas. Em 1983, a Marcopolo lançou os ônibus Viaggio e Paradiso, carros-chefe da empresa, cujo projeto teve incentivo de Martins.

Atualmente empreende no setor farmacêutico, como investidor da R2 Soluções em Radiofarmácia. A empresa produz o fluordeoxiciglicose, substância empregada em diagnóstico por imagem para detecção de câncer. A primeira fábrica fica em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.





Como líder empresarial é membro do Conselho Superior de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), membro do Conselho diretor da Associação Nacional dos Transportes Públicos (ANTP), presidente do Sindicato Interestadual da Indústria de Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários (SIMEFRE), presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Ônibus (FABUS), vice-presidente da FIERGS e FIESP e presidente da Associação do Aço do Rio Grande do Sul.

Recebeu vários prêmios e homenagens, onde se destacam Administrador do Ano – Troféu Caxias 114 (1990), Líder Empresarial do Setor de Autopeças e Material de Transporte (1997 e 2000), Mérito do Transporte Urbano Brasileiro da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (1998), Título de Cidadão Caxiense pela Câmara Municipal de Caxias do Sul (2000), Condecoração NTU 20 anos, Categoria Destaque (2007) e Homem do Aço 2007.



# 2008

## ANDRÉ GERDAU JOHANNPETER

**Gerdau S.A.**

André Bier Gerdau Johannpeter nasceu em Porto Alegre, em 17 de março de 1963, filho de Jorge Gerdau Johannpeter e Érica Bier.

Além de empresário e administrador de empresas é cavaleiro. A trajetória no esporte é tão vitoriosa quanto nos negócios. Começou a montar aos seis anos de idade e aos 10 foi vice-campeão brasileiro. Cinco anos depois foi convocado para a seleção brasileira. Esteve um tempo afastado para concluir os estudos, mas em 1987 retornou, e já no ano seguinte disputou os Jogos Olímpicos de Seul. Mas foi nos Jogos Pan-Americanos de Havana, em 1991, que conquistou a medalha de ouro. Não se classificou para as Olimpíadas de Barcelona, em 1992, mas três anos depois tornou-se bi-campeão no Pan-Americano de Mar Del Plata, na Argen-

tina, e em 1996 conquistou a Medalha de Bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta (EUA). Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999, sagrou-se tricampeão. Em 2000, conquistou a medalha de bronze no salto por equipe nos Jogos Olímpicos de Sydney e terminou em 4º lugar no salto individual.

No retorno de Sydney encerrou a carreira de atleta. Formado em Administração de Empresas pela PUCRS, complementou os estudos na Universidade de Toronto, no Canadá, onde cursou General Business Administration, e na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, com o Advanced Management Program.

O começo na vida profissional foi cedo, aos 16 anos, como Ajudante de Operador na fábrica de



pregos do Grupo Gerdau. Em 2007 assumiu como diretor-presidente do Comitê Executivo do grupo, permanecendo até 2017. Atualmente é vice-presidente Executivo do Conselho de Administração da Gerdau.

Na gestão de André a Gerdau adquiriu importantes operações, inclusive nos Estados Unidos. Hoje, a Gerdau possui 32 unidades produtoras de aço, duas minas de minério de ferro, 70 lojas co-

merciais, mais de 36 mil colaboradores diretos, 250 mil hectares de base florestal, presença em nove países e é a maior recicladora de sucata ferrosa da América Latina, com 11 milhões de toneladas por ano.

Em junho de 2010, André Gerdau Johannpeter recebeu o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre, concedido pela Câmara Municipal. É casado com Maria Teresa e tem três filhos.



2009

**ADELAR  
SANTAREM**

**Diferro Aços Especiais**

Nascido em 26 de fevereiro de 1942, em Caxias do Sul, Adelar Santarem traduz a força e a determinação do empresariado gaúcho. Desde jovem, trilhou um caminho de liderança que moldou sua trajetória. Suas contribuições, tanto no âmbito empresarial quanto no comunitário, revelam um homem cujo comprometimento e dedicação conquistaram o reconhecimento e respeito daqueles que o cercam.

Em 2017, a comunidade caxiense reconheceu todo trabalho e comprometimento de Santarem com o desenvolvimento da cidade, o agraciando com o título de Cidadão Emérito.

Sua trajetória no empresariado gaúcho tem início em 1970, com a fundação da FERROSUL. Em

1972 nascia a Diferro Reciclagem de Metais, e em 1984, a Diferro Aços Especiais começa suas atividades. Atualmente, lidera um dos maiores grupos de concessionárias de automóveis do Rio Grande do Sul, o Grupo DRSUL.

A Diferro Aços Especiais é parte do Grupo Ferrosul e tem sede em Caxias do Sul (RS), e filiais em Cachoeirinha (RS) e Araquari (SC). O empreendedorismo na fundação da Diferro Aços Especiais é um exemplo de sua visão empresarial, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da região.

Também já participou de várias entidades, incluindo a presidência e o conselho do Esporte Clube Juventude, a presidência do Jockey Clube Pé-

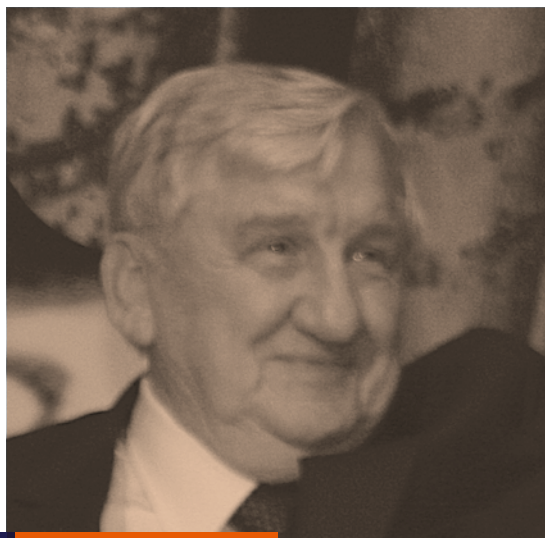




rolas das Colônias, a presidência da Associação Brasileira de Criadores de Gado Devon e a presidência do Clube Caxiense de Caça e Tiro. Atualmente, é vice-presidente da Associação de Aço do Rio Grande do Sul.

Casado com Suzana Berta Santarem, é pai de Jaqueline, Adriane e Rafael, e avô de Rodrigo, Henrique e Gabriela.

Em seu discurso de agradecimento ao receber o título de Cidadão Emérito de Caxias do Sul, Adelar Santarem afirmou: “Creio e acredito no que faço.” Essas palavras refletem a visão de um homem cujo legado é marcado pela crença em sua comunidade, em sua família e em sua capacidade de fazer a diferença.



2010

**RUDOLF  
FRISTCH**

**Aços Favorit Distribuidora**

Rudolf Fristch, nascido em Berlim, Alemanha, em 1938, trabalhava há quase 40 anos como funcionário de uma multinacional quando, em 1996, a empresa encerrou a operação no Rio Grande do Sul. Aos 58 anos resolveu abrir a própria companhia, a Aços Favorit, em Cachoeirinha (RS), que se tornou um sucesso.

No tempo em que trabalhou na Böhler foi responsável pelas compras de matéria-prima de grandes siderúrgicas. Poderia ter se aposentado, mas falou mais alto o sonho de ter o próprio negócio. Chamou os funcionários que seriam demitidos e perguntou se gostariam de trabalhar para ele. A proposta era seguir vendendo barras e tubos de aço para os clientes que a Böhler iria deixar de atender. Todos toparam. Investiu o equivalente a 300 mil

reais, ficou com 400 toneladas de aço que restaram do estoque da Böhler e fundou a Aços Favorit, que passou a funcionar num dos galpões de sua propriedade.

Viveu a infância na Alemanha destruída pela Segunda Guerra Mundial, onde sofreu todo tipo de dificuldade. O pai morreu nos bombardeios soviéticos quando o Exército Vermelho tomou Berlim. Passou fome e viu a irmã caçula morrer por falta de atendimento médico. Para fugir desses horrores, veio com a mãe para o Brasil, onde ela e o pai já haviam morado. A tragédia da guerra o ensinou a superar obstáculos. Ainda garoto, começou a juntar sucata para vender no ferro-velho. Aos 14 anos já trabalhava como office-boy numa empresa de representações. No tempo livre, colhia orquídeas para vender.



# 2011

## TRAMONTINA



Entusiasmo, otimismo, competência e paixão pelo negócio são a essência do que faz a Tramontina. A longa trajetória da marca, hoje com mais de 110 anos, aliada à força e abrangência do seu mix de produtos permitem que os consumidores lembrem dela como aquela que acompanhou os avós, os pais e hoje também faz parte do dia a dia de jovens, estando presente em todas as etapas da vida.

O segredo para manter essa essência está ligado diretamente ao propósito da marca: “Crescer para transformar vidas. Criar laços para evoluirmos juntos.” É a relação com as pessoas – funcionários, comunidade, consumidores, clientes e parceiros – que mantém viva a vocação centenária da Tramontina de encantar e inspirar com gestos simples.

As ações da Tramontina têm reflexo direto no trabalho dos mais de 10 mil funcionários que atuam em nove unidades fabris no Brasil e em 23 unidades no exterior para entregar cerca de 22 mil itens, entre utensílios e equipamentos para cozinha, eletros, ferramentas para agricultura, jardinagem, manutenção industrial e automotiva, construção civil, materiais elétricos, móveis de madeira e de plástico, equipamentos dirigíveis, além dos jogos de mesa em porcelana para todo o mercado nacional e mais de 120 países.

Para uma experiência cada vez mais próxima do consumidor, a marca conta com mais de 30 lojas conceito T store em todo o mundo, além das T factory stores, em Carlos Barbosa e Farroupilha, na Serra Gaúcha.

A sustentabilidade sempre foi uma questão importante para a marca e se efetivou ainda mais com a criação do Comitê ESG e com o projeto Tramontina Transforma, que une todas as frentes de sustentabilidade da empresa. Desde 1990, a organização conta com Estações de Tratamento de Efluentes (ETE's) para o tratamento da água utilizada nas diferentes atividades, além de proteger os mananciais de água doce e potável que abastecem as comunidades e sustentam o ciclo natural da vida. Em algumas fábricas, o índice de reúso da água chega a 100%.

A Tramontina mantém 2.467 hectares de mata nativa e 2.047 hectares de áreas de preservação permanente (APP's), Reserva Legal e Matas Nati-

vas Preservadas. Conta, ainda, com 3,3 mil hectares de áreas plantadas - chamadas florestas de produção, com uma base sólida e renovável, para fornecer madeiras para utilização nas fábricas.

A empresa investe em tecnologias limpas para reduzir e controlar a geração de resíduos sólidos, efluentes e emissões atmosféricas.

A Tramontina defende que é fazendo bonito, bem feito e correto que a empresa segue se desenvolvendo, em busca de manter a qualidade dos seus produtos, valorizando as pessoas, cuidando do meio ambiente e investindo em tecnologia e tendências, mantendo vivo o sonho que nasceu na pequena ferraria, em 1911, com Valentin e Elisa Tramontina.





# 2012

## DAVID RANDON

Randoncorp



David Abramo Randon, 63 anos, casado, engenheiro mecânico formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é atualmente presidente do Conselho de Administração da Randon S.A. Implementos e Participações e presidente do Conselho de Administração da Fras-le S.A.

Também foi diretor-presidente (CEO) da Randoncorp de 2009 a 2019. Entre 1984 e 1995, foi diretor-geral da Rodoviária S.A. Indústria de Implementos para o Transporte Rodoviário, e de 1992 a 2009, vice-presidente do Conselho de Administração da Randon S.A.

David Randon tem passagens também pelo associativismo. De 1989 a 2001, foi diretor do Sindicato Interestadual da Indústria de Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários (SIMEFRE).

Entre 1999 e 2004 foi vice-presidente e presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (RS), e de 2021 a abril de 2023, presidente do Conselho Superior desta entidade.

David é filho do fundador da Randoncorp Raul Anselmo Randon, e, desde criança, frequentava a companhia onde fazia estágio durante as férias escolares.



2013

**BENJAMIN  
STEINBRUCH**

**CSN**

Benjamin Steinbruch nasceu no Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1953. Formado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas é investidor, banqueiro e empresário. Herdeiro de um dos fundadores do Grupo Vicunha, maior grupo têxtil da América Latina, Banco Fibra e Equity Brasil Capital, também foi gestor executivo no Banco Safra.

Ao longo da década de 1990 liderou a Vicunha na expansão dos negócios para além do setor têxtil e na participação da empresa na compra da Companhia Siderúrgica Nacional e no consórcio que adquiriu o controle da Companhia Vale do Rio Doce.

Chegou a se filiar ao PP – Partido Progressista – para ser o candidato a vice-presidente da Repúbli-

ca na chapa de Eduardo Campos em 2018, o que acabou não se concretizando. Ocupou a vice-presidência da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), até julho de 2018.

É filho de Mendel Steinbruch, um dos fundadores da Vicunha. Benjamin foi um dos grandes responsáveis pelo negócio da família superar uma grave crise financeira na década de 1990. Trabalha desde jovem na empresa da família, onde começou como vendedor de tecidos.

Em 2002 o grupo da família Steinbruch vendeu sua parte na Vale. O dinheiro da venda foi revertido na compra do controle total da CSN, onde Benjamin Steinbruch tornou-se diretor-presidente.



# 2014

## CÉSAR BILIBIO

**Medabil Sistemas Construtivos S.A.**



César Bilibio, formado em Administração de Empresas, já foi diretor comercial da Medabil Tesserlo S.A., membro do Conselho de Administração da Medabil S.A., diretor comercial e diretor vice-presidente da Medabil S.A. e diretor-presidente das Empresas Medabil.

Na área associativa é vice-presidente de Estruturas Metálicas da Associação Brasileira da Construção Metálica e vice-presidente da Área de Construção Metálica da AARS desde 2012.

A Medabil tem uma sólida posição no mercado brasileiro de construções metálicas. Um dos momentos mais difíceis foi o acidente aéreo, em julho de 2007, em São Paulo, que vitimou Attilio Bilibio, fundador da empresa. A governança, que já estava

estabelecida, foi determinante para o processo de sucessão abrupto. O projeto, que incluía o plano de sucessão e a criação dos Conselho Familiar, Societário e de Administração, vinha sendo desenvolvido desde 1990.

A sucessão foi feita por um comitê de gestão e todos os cargos na diretoria foram ocupados por executivos não familiares, ficando apenas a presidência e a vice-presidência com a família.

A Medabil é uma empresa sólida, está entre as mais bem administradas do mercado, e projeta com antecedência o futuro, embora os atuais gestores e sócios sigam firmes na condução dos negócios.



# 2016

## BRASILATA S.A. EMBALAGENS METÁLICAS

A Brasilata é uma empresa que transpira inovação. Fabricante de embalagens é referência na produção de embalagens metálicas. Oferece soluções eficientes e customizadas para diversas aplicações como tintas, químicos e indústria alimentícia. Inovação e tecnologia caminham juntas para o desenvolvimento de soluções aos clientes.

Com quatro unidades fabris no Brasil, o sucesso e crescimento da Brasilata são obtidos por meio de seus “Inventores”, é assim que formalmente a em-

presa assina o contrato com cada profissional que começa a trabalhar na organização. Todos podem contribuir ao máximo com seu potencial e desempenho.

A Brasilata aponta como seus diferenciais um ambiente capaz de produzir inovação de forma contínua, com pessoas inspiradoras no time, o que permite percorrer alguns quilômetros a mais para atender os clientes com excelência.





# 2018 USIMINAS



Líder no mercado brasileiro de aços planos, a Usiminas é um dos maiores complexos siderúrgicos da América Latina.

A companhia conta com unidades industriais e logísticas localizadas em cinco estados do país e está presente em toda a cadeia siderúrgica – do beneficiamento do minério de ferro, passando pela produção de aço, até a customização de produtos e soluções adequadas às necessidades de cada cliente.

A empresa possui o maior e mais inovador Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em siderurgia da América Latina. O avanço registrado pela companhia nos últimos anos garante inovação, tecnologia e qualidade em todas as linhas de produção,

e permite oferecer ao mercado um portfólio diversificado, com destaque para produtos e serviços de alto valor agregado.

Em 2010 foi criada a Soluções Usiminas, que conta com uma moderna infraestrutura de processamento e está preparada para atender às demandas de diversos segmentos em qualquer quantidade e formato, em todo o território nacional. A Soluções Usiminas trabalha com materiais fabricados pelas usinas da Usiminas, agregando serviços como corte e solda, logística e adaptação de volumes.

A Usiminas também está comprometida com uma consistente agenda ESG, na busca permanente pela evolução para se adequar às exigências

do mercado. A empresa é a única indústria do aço que integra o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) 2023 da B3, a Bolsa de Valores brasileira. É também signatária de compromissos como o Pacto Global da ONU, a Plataforma WEPS e o Fórum Empresas e Direitos LGBTI+ e ainda da Coalizão Empresarial para Equidade Racial e de Gênero.

Com 60 anos de operações, a companhia contribui ainda para o desenvolvimento das comunidades onde atua por meio do Instituto Usiminas e da Fundação São Francisco Xavier (FSFX), oferecendo projetos nas áreas de saúde, educação, cultura, esporte e desenvolvimento social.



# 2020

## JEFFERSON DE PAULA

ArcelorMittal



O CEO da ArcelorMittal Aços Longos LATAM e Mineração do Brasil, Jefferson de Paula, foi escolhido o Homem do Aço 2020. Executivo com experiência de décadas em países como Argentina, EUA, México, Canadá e, também, na Europa, é engenheiro metalúrgico e tem formação executiva em escolas de negócios do Brasil, Argentina, França e Estados Unidos.

Com 104 anos de atuação no Brasil, a ArcelorMittal é a maior produtora de aço do País e líder no mercado global. Tem cerca de 158.000 empregados, sendo 16.000 no Brasil, e atende clientes em 155 países, com o propósito de criar aços inteligentes para as pessoas e o planeta. A empresa tem unidades industriais

em sete estados (CE, ES, MG, MS, RJ, SC e SP), além de unidades de distribuição e serviços em todo o país, sendo a única do setor no Brasil a contar com a certificação ResponsibleSteel.

As plantas brasileiras têm capacidade de produção anual de 7 milhões de toneladas de minério de ferro e de 15,5 milhões de toneladas de aço bruto, com aplicação nas indústrias automobilística, de eletrodomésticos, construção civil e naval, entre outras. A empresa atua, ainda, em áreas diversificadas como geração de energia para consumo próprio, produção de biorredutor renovável (carvão vegetal a partir de florestas renováveis de eucalipto) e tecnologia da informação.



2022

## VOESTALPINE MEINCOL

Agregando todo o know-how e alta tecnologia do Grupo austríaco voestalpine, a voestalpine Meincol, com 78 anos de história, destaca-se no Brasil e na América do Sul como uma das principais fabricantes de tubos e perfis de aço de alta qualidade, além do desenvolvimento de peças e produtos especiais. Fundada em 1945, a antes chamada de Mecânica Industrial e Comercial, iniciou as atividades em um pequeno espaço em Caxias do Sul (RS).

Com o passar do tempo a empresa se tornou referência na região e iniciou a fabricação de tubos soldados, ampliando seu portfólio de produtos, o que possibilitou o atendimento a clientes de outros estados e também a atuação em outros países da América do Sul. Em 2008 ocorreu a aquisição da Meincol pelo Grupo voestalpine, iniciando-se uma grande transfor-

mação na visão de negócio, agregando valor aos produtos e serviços, e atuando em setores de grande exigência tecnológica. A voestalpine é um grupo de aço e tecnologia, líder global, com uma combinação única de materiais e experiência em processamento. Operando em nível mundial, conta com mais de 500 empresas e 50 mil funcionários, estando presente em todos os cinco continentes e em mais de 50 países.

Desde a aquisição, todo o trabalho realizado pela voestalpine Meincol teve como foco a busca permanente e contínua da satisfação do cliente, um objetivo alinhado com os princípios da visão global da voestalpine de estar sempre “ONE STEP AHEAD”.

Assim, fatores como alto investimento em tecnologia, inovação em processos e desenvolvimento das suas equipes de trabalho, possibilitaram à marca a





se tornar, rapidamente, referência também no mercado brasileiro. Com duas unidades industriais e mais de 350 funcionários, tendo à frente o diretor industrial, Antonio Carlo Cali, e o diretor comercial financeiro, Ermir Panazzolo, a voestalpine Meincol atende aos mais rigorosos padrões de qualidade e normas nacionais e internacionais, estando presente em diversos setores, tais como agrícola, automotivo, ônibus, caminhões, fotovoltaico, metalmecânico, construção civil, viticultura, moveleiro, fitness, dentre outros.

Dentro de suas soluções, a voestalpine Meincol possui um completo mix de produtos de tubos e perfis padrões e em geometrias especiais, a partir de aços laminados a quente, a frio e galvanizados, além de agregar processos de dobra, cortes a laser, laser 3D,

furações e solda de conjuntos, atendendo de pequenos a grandes projetos personalizados, com versatilidade, design e alta tecnologia.

Além disso, desde 2019, também fornece Soluções Construtivas para aplicação em galpões industriais, logísticos, shoppings, mezaninos e carports, utilizando o sistema METSEC, outra empresa do grupo voestalpine e referência mundial no setor.

Em 2022, coroando todo este ciclo de desenvolvimento e constantes investimentos em tecnologia e em seus funcionários, a voestalpine Meincol foi homenageada com o Troféu Homem do Aço, momento muito especial e de grande orgulho para toda empresa e também para a cidade de Caxias do Sul.







2023

JAQUELINE  
SANTAREM

Diferro Aços Especiais



Pela primeira vez na história da AARS uma mulher é agraciada com o Troféu Homem do Aço, que agora se chama Destaque do Aço. A mudança ocorre nas comemorações dos 60 anos da Associação.

A Comissão Técnica responsável pela escolha de quem será homenageado referendou o nome de Jaqueline Santarem, CEO da Diferro Aços Especiais, empresa com sede em Caxias do Sul e filiais em Cachoeirinha (RS) e Araquari (SC).

A Diferro comercializa aços para construção mecânica, perfis pesados, tubos mecânicos, arame para solda, aços para moldes, ferramentas de corte e estampagem para a indústria. É também referência na reciclagem de metais.

Jaqueline Santarem tem uma formação eclética: Artes, Direito, com Pós-Graduação em Finan-

ças, Marketing e Innovation Leadership. Com muita determinação comanda, junto com seu pai e fundador da empresa, Adelar Santarem, uma companhia líder em aços e recicláveis de metais. Jaqueline é também sócia do Grupo DRSUL Concessionárias.

Ela é a segunda geração de uma família empreendedora. É casada com Alexandre Carlos Vanin Neto, mãe de Rodrigo Santarem Vanin, e tem o propósito de deixar um legado para os que trabalham junto às empresas do grupo e à nova geração da família.

Sensibilizada ao ser comunicada da premiação, em setembro de 2023, Jaqueline percebeu que os mais de 30 anos participando dessa importante associação formam o elo da empresa e da sua família. Afinal, o aço faz parte do seu DNA.





# AARS na história

Muitos foram os eventos e as ações promovidos pela Associação do Aço do Rio Grande do Sul nesses 60 anos.

A melhor forma de contar essa história é através de imagens que ficaram na memória e nos corações de todos aqueles que ajudaram a construir essa bela caminhada.



Recepção ao General Edmundo de Macedo Soares

Entrega de prêmio a Maria Bernadete D. Fernandes



Governador Germano Rigotto nos 40 anos da AARS



Coquetel Homem do Aço

Reunião-almoço da AARS





Troféu Homem do Aço 2002



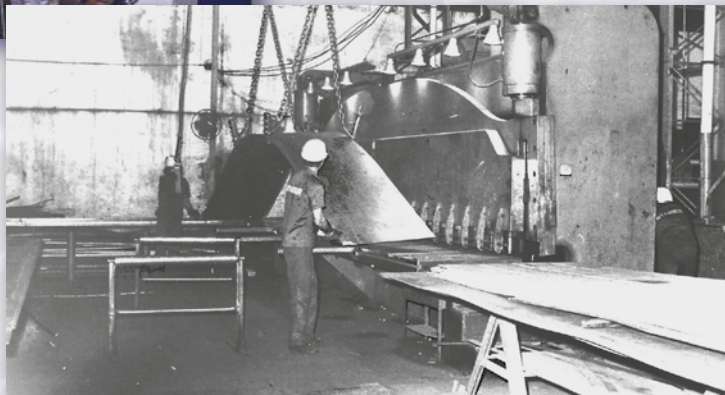
Diretoria da AARS entrega Troféu Homem do Aço 2007 ao presidente Martins



Seminário O Uso do Aço na Construção Civil (2005)



Simpósio Desenvolvimento do Uso do Aço (1988)



Indústria nos anos 1960



Aula no SENAI  
Visconde de Cairu



Engenheiro José do Patrocínio Motta  
Orador Oficial



Encontro Itinerante  
no interior do RS

Presidente Martins e  
José Fogaça em reunião-  
almoço na AARS



Reunião-almoço  
da AARS



Evento Técnico  
com a CSN





Reunião-almoço com a Açominas



Encontro com Cel. Arnaldo  
C. São Thiago Filho



Reunião para assinatura da  
renovação de crédito presumido



Escola Técnica Senador  
Ernesto Dornelles



Encontro Itinerante MEDABIL



Seminário no DAER (2002)



Reunião de diretores das  
usinas associadas



Professor Lanzana em  
reunião-almoço



Seminário Construsul (2001)



Visita técnica  
à Petrobrás



Projeto  
Interiorização



Visita à METASA





Reunião-almoço da  
AARS nos anos 1980



Executivos em reunião-  
almoço da AARS



Visita técnica  
à FIAT



Homem do Aço 2002  
Panatlântica



Reunião-almoço com diretores  
comerciais das usinas associadas



Reunião-almoço com presidente da  
CSN, Benjamin Steinbruch



José Antonio Fernandes Martins com a então governadora Yeda Crusius e os ex-governadores Olívio Dutra e Germano Rigotto



Presidente Martins com o governador Germano Rigotto e Rose Abbud no Homem do Aço 2003



Visita técnica à Valesul (RJ)



Presidente Martins e vice-presidente Sérgio Neumann



Reunião-almoço com presidente da Usiminas, Rinaldo Campos Soares



Reunião-almoço com usinas associadas



Equipe de trabalho da  
AARS na Construsul



Entrega Prêmio de Jornalismo



Prêmio Destaques  
do Ano (2008)



Simpósio O Uso do Aço  
na Construção (1985)



Homem do Aço  
2003



Homem do Aço  
2016



Reunião-almoço da AARS  
nos anos 1970



Equipe que organiza os  
eventos da AARS



Jefferson de Paula, CEO  
da ArcelorMittal (2013)



Reunião-almoço com vice-  
presidente da Usiminas,  
Sergio Leite (2011)



Presidente da Marcopolo,  
Paulo Bellini



Especialistas das usinas em  
seminário técnico na AARS





Presidente Martins e vice-presidente Adelar Santarem no jantar de inauguração da nova sede da AARS



Visita técnica à Vallourec



Reunião-almoço com Tarso Genro (2014)



Recepção à governadora Yeda Crusius em reunião-almoço (2010)



Lançamento do 19º volume da série Modelos de Gestão Aplicada



Presidente Martins em reunião-almoço





Homem do Aço 2020, em  
cerimônia realizada em 2021

Coletiva de Imprensa - Entrega  
Prêmio de Jornalismo



Homem do Aço 2022  
voestalpine Meincol



Jair Seben e Paulo Vellinho em  
cerimônia do Homem do Aço



Homem do Aço e comemoração  
dos 45 anos da AARS (2008)





Homem do Aço 2011



Homem do Aço 2012



Homem do Aço 2013  
e 50 anos da AARS



Homem do Aço 2014



Horácio Leal Barbosa, da ABM,  
com Raul Maselli, da Panatlântica,  
nos 50 anos da AARS





Jantar de Posse 2011



Jantar de inauguração  
da nova sede





Reunião-almoço (2010)



Lançamento do livro Modelos de Gestão Aplicada



Eduardo Jaeger, representando o governador Eduardo Leite no Homem do Aço 2020



Reunião-almoço (2013)



André Gerdau e presidente Martins em reunião-almoço (2008)



Reunião-almoço com pres. do Barrisul, Túlio Luiz Zamin, Luiz Carlos Camargo, Sec. da Fazenda, Odir Tonollier, e pres. Martins (2011)



Reunião-almoço (2011)



Reunião-almoço (2017)



Reunião-almoço em  
Caxias do Sul (2011)



Reunião-almoço  
(2023)





# AARS na história



Reunião-almoço com  
Luís Fernando Bastos  
Martinez, da CSN (2007)

Presidente Martins, diretora Bete e Secretário  
da Fazenda, Ricardo Englert (2009)



Reunião-almoço (2019)



Eduardo Zanotti  
em reunião-  
almoço (2023)



Reunião-almoço  
(2007)



Seminário técnico  
(2019)



Homem do Aço 2004  
John Deere



Homem do Aço 2002  
Panatlântica



Homem do Aço 1998  
Antonio Roso



Homem do Aço 2001  
GM



Homem do Aço 2000  
Paulo D'arrigo Vellinho



Homem do Aço 2003  
Kepler Weber





Homem do Aço 2005  
Bertolini



Homem do Aço 2008  
Gerdau



Homem do Aço 2009  
Adelar Santarem



Homem do Aço 2011  
Tramontina



Homem do Aço 2010  
Rudolf Fristch



Homem do Aço 2012  
David Randon



Homem do Aço 2013  
Benjamin Steinbruch



Homem do Aço 2016  
Brasilata



Homem do Aço 2014  
Cesar Bilibio



Homem do Aço 2018  
Usiminas



Homem do Aço 2022  
voestalpine Meincol



Homem do Aço 2020 (entregue em 2021)  
Jefferson De Paula - ArcelorMittal





Homem do Aço 2007  
José Antonio Fernandes Martins



Homem do Aço 1994  
Hélio Wosiack recebendo  
de Paulo Vellinho



Homem do Aço 1986  
Guido Mario D'arrigo



Homem do Aço 1996  
Attílio Bilibio recebendo  
de Sérgio Neumann



Homem do Aço 1997  
Governador Antônio Britto recebendo  
de Sérgio Neumann e Raul Randon



Homem do Aço 1995  
Ingomar Brune recebendo  
de Paulo Vellinho



**USIMINAS**





# Perspectivas

O capítulo final deste livro foi reservado para importantes lideranças do setor, as quais já deram ampla comprovação de sua capacidade de gestão.

A AARS convidou alguns nomes para que manifestassem suas opiniões sobre o cenário futuro brasileiro e internacional.



# Os efeitos do Custo Brasil

É extremamente interessante a estrutura da nossa Associação. Ela reúne toda a economia gaúcha vinculada à estrutura do aço!

O nosso grupo está hoje sob a liderança da quinta geração. A Gerdau foi fundada em 1901 e hoje somos o maior produtor nacional. Temos uma grande participação, também, Internacional, seja na América do Sul e no continente norte-americano (Estados Unidos, Canadá e México).

Essa estrutura de aço foi desenvolvida gradativamente, depois da Segunda Guerra, em que durante um certo período houve grande falta de matéria-prima para abastecer as necessidades da Fábrica de Pregos Hugo Gerdau, hoje Metalúrgica Gerdau. Consequentemente surgiu a oportunidade de se adquirir a Siderúrgica Riograndense, que era uma empresa que estava com dificuldades econômicas e financeiras.

Com isso nós começamos a caminhada de desenvolvimento, com autonomia de matéria-prima, principalmente com o objetivo para a Metalúrgica Gerdau e, posteriormente, foi cres-

cendo com o desenvolvimento dentro de todo o Brasil, depois na América Latina e América do Norte.

Focamos inicialmente em produtos longos, mas com a compra da Açominas (uma siderúrgica integrada em Minas Gerais, com capacidade anual de 4,5 milhões de toneladas, aproximadamente) a Gerdau entrou nos produtos planos.

Este processo todo da Gerdau sempre teve uma preocupação enorme de buscar qualidade e satisfação do atendimento ao cliente!

Essa cultura empresarial do Rio Grande do Sul foi baseada na formação de equipes de engenheiros que possibilitou o crescimento da Gerdau em termos internacionais.

Atualmente o Brasil, no setor siderúrgico, tem uma capacidade bem acima da demanda do mercado interno e com isso é um grande exportador (desde que as condições globais e internacionais permitam).

Contudo, no momento, existe uma sobra de aço enorme no mundo. Temos um desequilíbrio



pela participação da siderurgia estatal chinesa que, quando surgem esses períodos de excesso de oferta, mantêm a produção fazendo, inclusive, operações de vendas com prejuízos ou custos não cobertos na sua política de vendas.

É um momento extremamente interessante, porque o Brasil tem uma demanda e uma capacidade de atender seu mercado. Contudo, a China tem uma capacidade de 100 milhões de toneladas, que é praticamente duas vezes a capacidade produtiva do Brasil.

Os demais países produtores de aço estabeleceram uma proteção aduaneira extremamente elevada de 25%, o que faz com que a China canalize, neste momento, a sua produção, mesmo tendo prejuízos, para o mercado brasileiro.

A produção nacional tem, praticamente, toda a capacidade para atender, com aço de qualidade, as Linhas de Planos, Longos e Especiais. Mesmo assim, não deixa de ser um importador de alguns tipos de aços especiais.

Dentro dessa estratégia toda, é possível afirmar que há hoje uma sobra de aço significativa no Brasil.

Temos aí, talvez, um dos temas mais delicados que é o famoso Custo Brasil. O Brasil tem uma estrutura fiscal extremamente alta, que

onera a sua produção. Isso atinge todos os setores industriais e empresariais do Brasil e a economia como um todo!

**“O Brasil tem uma estrutura fiscal extremamente alta, que onera a sua produção.”**

Como exemplo, toda a produção de aço que é transferida e consumida pela cadeia produtiva, vem com encargos extremamente elevados, que somam 16,2%, sendo que 6% a 7% se referem a impostos cumulativos.

Temos a energia elétrica. Deveria ser vendida para os eletro intensivos a US\$ 25 no máximo (tem mais 20 dólares aproximadamente de encargos), coisa que não existe em lugar nenhum do mundo.

Tem outros aspectos importantes:

- **Logística:** no Brasil custa praticamente o dobro, quando comparada a países desenvolvidos;
- **Folha de pagamento:** existem incidências absurdas de encargos. O Brasil talvez seja

um dos únicos países que usa a folha de pagamento ao operariado para fazer arrecadação de recursos para os governos. É coisa que não existe, pois o nosso operário leva aproximadamente 50% do que ele custa no seu pagamento mensal, enquanto em outros países esse valor corre ao redor de 60 a 70%.

Tem que ser uma das grandes missões empresariais de conseguir limpar esse Custo Brasil, que na maioria dos países hoje está igual a zero! Vai ao ponto de nos Estados Unidos não existirem livros fiscais para os produtores industriais, só tem contabilidade econômica normal.

Todo esse quadro tem sido trabalhado intensamente pelo MBC. Está hoje com um trabalho de Custo Brasil no Congresso e na estrutura executiva do Ministério da Indústria e Comércio, que criou uma Secretaria especificamente para tratar o Custo Brasil.

O debate dentro das entidades empresariais está crescente e se estruturando cada vez mais. Uma das organizações que mais se mobiliza, é a coalizão, que reúne o empresariado dos principais setores produtores, para tentar trabalhar a melhoria da eficiência e da produtividade.

O cenário, como tradição empresarial, produção, custo e cultura em relação ao aço é extremamente importante no país. Por outro

lado, temos ainda estruturas de custo, estruturas não competitivas.

Conforme trabalho feito sob gestão do Ministro Paulo Guedes e o MBC, chegamos a um custo Brasil de um trilhão e setecentos bilhões de reais por ano, que é mais de 19% sobre o PIB do Brasil, quando comparado com as condições médias existentes nos países da OCDE. No mundo desenvolvido é zero. Eu diria que são quase 50 anos de atraso em relação ao que outros países fizeram, seja pelo imposto do IVA, seja não tendo encargos sobre energia elétrica e não onerar as folhas de pagamento, como um instrumento de captação de recursos.

Poderíamos mencionar ainda outros itens dentro desse processo, principalmente no campo da capacitação profissional: no Brasil, a participação de cursos técnicos está próximo a 10% do que se formou no segundo grau, enquanto no mundo é acima de 50%.

Mas temos no Rio Grande do Sul uma tradição industrial e empresarial significativa que nos dá confiança pela evolução de podermos crescer e nos aprimorar cada vez mais!

Saudações!

**Jorge Gerdau Johannpeter**

**Presidente do Movimento  
Brasil Competivo**



# **Tecnologia disruptiva como aliada para um mundo mais sustentável**

A transição para uma economia mais sustentável e a busca por redução de emissões de carbono tem sido um importante fator para que a indústria, em geral, consolide a adoção de práticas mais sustentáveis. Isso se reproduz em um desafio para uma produção com menor impacto ambiental para toda a cadeia produtiva que tem o aço como insumo básico. Essa transição passa também pela implementação de políticas de incentivo, como financiamento subsidiados e reduções de impostos.

Um ponto positivo é que as empresas estão cada vez mais conscientes de seus compromissos com a sociedade. Mas isso precisa ser mostrado na prática, com iniciativas e projetos que contribuam diretamente para o desenvolvimento das pessoas, preservação do meio ambiente e para a geração de valor para a sociedade. Acredito que inovação e sustentabilidade são temas indissociáveis. Cada novo produto ou processo industrial precisa nascer “verde”,

ou seja, precisa aplicar na prática a sustentabilidade.

Um exemplo que trago da vivência da Randoncorp é o nosso investimento em nanotecnologia, em especial no desenvolvimento de um inédito método para obtenção de nanopartículas de nióbio em larga escala. A solução potencializa as características de outros materiais, e aplicada em materiais ferrosos pode conferir, entre outros benefícios, maior durabilidade, resistência mecânica e alterações significativas nas propriedades físico-químicas, como, por exemplo, a resistência à corrosão.

No campo da inovação, a adoção de tecnologias avançadas, como a inteligência artificial, está permitindo a criação de processos de produção mais inteligentes e eficientes. Com a automação e digitalização, a indústria pode perceber ganhos de produtividade e qualidade, ganhando, assim, ainda mais competitividade.

**“ Questões tributárias e a complexidade logística em nosso país são desafios que precisam ser enfrentados e superados para que esse conceito possa ser dominante na produção industrial brasileira. ”**

É preciso também maximizar a circularidade na cadeia produtiva do aço. A economia circular, que há anos está na pauta como assunto primordial, é fundamental para as necessidades ambientais que temos hoje e que teremos no futuro. O design circular ganha força dia após dia e está presente para que todos possamos repensar o projeto de nossos produtos, incluindo os diferentes estágios do ciclo de vida nessa visão integrada.

Questões tributárias e a complexidade logística em nosso país são desafios que precisam ser enfrentados e superados para que esse conceito possa ser dominante na produção industrial brasileira. Sabemos que o caminho é longo e com inúmeros desafios, mas os ganhos que teremos lá na frente são fundamentais para a sustentabilidade global.

Nestes 60 anos, a Associação do Aço do Rio Grande do Sul – AARS, foi protagonista em estimular a utilização do aço nos mais diversos segmentos industriais e trabalhar para elevar a competitividade das empresas.

Sem dúvida, o estímulo para uma nova industrialização, focada na economia verde, é essencial para o fortalecimento da indústria metalmeccânica, mantendo o foco na excelência, na qualidade, na produtividade e na nossa contribuição para um futuro mais sustentável.

**Daniel Randon**

**Presidente da Randoncorp e do Conselho do Transforma RS**



# ***A importância do aço na Tramontina: uma parceria de crescimento para a indústria nacional***

Desde o nascimento da Tramontina, há 112 anos, o potencial do aço tem sido explorado em uma ampla variedade de processos produtivos. A começar pelas conhecidas painelas de aço inoxidável, facas e talheres, às ferramentas manuais, para agricultura e construção civil, cubas, coifas, e uma gama de outros produtos, esta matéria-prima está presente em praticamente todos os segmentos de nossa produção. Os processos de transformação, como corte a laser, corte por ferramenta, estampagem, cunhagem, dobra e furação, permitem-nos moldá-lo e transformá-lo em itens que atendem aos mais altos padrões de qualidade e segurança.

São produtos de alta durabilidade que se tornaram parte essencial da vida de milhões de pessoas, que os utilizam todos os dias em diferentes momentos. Ao longo de nossa trajetória, mantemos um compromisso inabalável com a excelência e a inovação, e o aço tem sido um

elemento crucial nesse processo. Ele é o alicerce que sustenta a qualidade e a performance dos produtos Tramontina. Sua resistência e versatilidade são elementos essenciais, que garantem a satisfação de nossos consumidores.

A demanda por este insumo experimenta crescimento constante nos últimos anos em nossos processos produtivos. Só em 2022, consumimos 22,7 mil toneladas de aço inoxidável, com valor total monetário de R\$ 579 milhões, conferindo alto valor agregado aos produtos. Já a família dos aços carbono (incluindo os aços ligados) representa o maior volume utilizado. No ano passado, foram 51,7 mil toneladas, com o valor total de R\$ 432 milhões. E projetamos ampliação contínua em sua utilização, à medida que expandimos nosso portfólio de produtos.

Somos uma indústria 100% brasileira e com DNA gaúcho, mas com escala global. Contamos com mais de 10 mil funcionários, que atuam



em 9 unidades fabris no Brasil e em 23 unidades no exterior para entregar cerca de 22 mil itens entre utensílios e equipamentos para cozinha, eletros, ferramentas para agricultura, jardinagem, manutenção industrial e automotiva, construção civil, materiais elétricos, móveis de madeira ou de plástico, equipamentos dirigíveis, além de jogos de mesa em porcelana para todo o mercado nacional e para mais de 120 países.

**“Reconhecemos que o setor do aço enfrenta desafios, mas também possui oportunidades significativas de desenvolvimento.”**

E o aço brasileiro é predominante em nossa produção. Atualmente, 83% do aço inoxidável e 90% do aço carbono utilizados em nossos produtos são de origem nacional - uma decisão estratégica alinhada diretamente ao nosso propó-

sito: Crescer para transformar vidas. Criar laços para evoluirmos juntos.

Reconhecemos que o setor do aço enfrenta desafios, mas também possui oportunidades significativas de desenvolvimento. A concorrência global é um fator a ser considerado, no entanto, a indústria brasileira possui maturidade e tradição, e tem condições de ser uma grande protagonista nacional e internacionalmente.

Para manter e fortalecer sua posição, acreditamos que o setor deve continuar investindo em pessoas, tecnologia e sustentabilidade. E a Tramontina está comprometida em ser uma parceira ativa na evolução e fortalecimento desse setor e da indústria nacional como um todo, consolidando, cada vez mais, a relação com os fabricantes nacionais. Cada desafio vencido, é uma vitória e um avanço na arte de transformar o metal bruto em produtos que vão à casa de cada consumidor.

**Eduardo Portolan**

**Diretor Industrial da Tramontina**



# ***Eu acredito no Brasil***

Os desafios impostos ao nosso País, em especial a quem trabalha e produz, são imensos. Os empreendedores brasileiros são instados a todo momento a vencer um novo obstáculo, muitas vezes apenas para sobreviver e manter seus negócios funcionando. É da nossa história. Tocar uma empresa por estas terras não é tarefa para fracos.

Ao longo da história, a qual testemunhei por décadas, como engenheiro, executivo e empresário, muitos foram os momentos em que o mais fácil era desistir, deixar de lado os sonhos de um lugar melhor para viver, prosperar e ser feliz. Mas se existem os desafios, existem também quem saiba encará-los e enfrentá-los de forma que possa vencê-los e trilhar um caminho mais saudável.

Assim foi, nesses anos todos, o meu jeito de agir e de buscar as soluções. Por uma razão muito simples: eu sempre acreditei e continuo acreditando no Brasil!

Jamais perdi a fé na nossa gente, no nosso potencial e na nossa capacidade de resiliência extrema, fator determinante para a superação de tudo que possa atrapalhar a nossa caminhada.

Aqui temos riquezas naturais abundantes. Água e sol em fartura. Minérios de todo tipo. Agricultura e pecuária invejáveis. Infraestrutura de ensino inovadora e que atende às necessidades. E um povo ordeiro e trabalhador, dedicado em tudo que faz, que é o maior patrimônio de uma nação.

Temos, é claro, muitas carências, como no setor de logística, na desigualdade social, na falta de moradia digna, numa educação de melhor qualidade, entre tantas outras.

Mas assim como sobrevivemos a governos de todas as correntes de pensamento, atravessamos as mais duras crises econômicas, defendemo-nos das ameaças comerciais externas o tempo todo e, mais recentemente, passamos a conviver com catástrofes climáticas que antes só víamos pela televisão, tenho certeza de que superaremos com galhardia todas as mazelas ainda existentes.

Desacreditar do Brasil jamais!

Uma prova de que é possível fazer mais e melhor é a Associação do Aço do Rio Grande do Sul, entidade que eu tenho a honra de presidir desde o ano 2000. Seu surgimento, 60 anos

atrás, se deu justamente pela necessidade de superar um gigantesco desafio: receber o aço a preços em condições de igualdade em relação a empresas de outras regiões do País.

**“ A Associação do Aço é a materialização da minha crença nesta nação maravilhosa e em seu povo.”**

Uma luta que agregou concorrentes na mesma causa, que demonstrou o espírito de proteção e sobrevivência e que resultou no sucesso que é hoje a indústria metalmeccânica do nosso Estado.

A Associação do Aço é a materialização da minha crença nesta nação maravilhosa e em seu povo. É nisso que acredito e que tenho como lema de vida.

É fato que ainda temos muito a resolver, problemas a encarar e até algumas incertezas em relação ao futuro. Contudo, a força que emana de um povo quando quer transformar um ambiente é imbatível. Todas as dificuldades que o setor do aço vem vivendo nos últimos anos devem servir de motivação para a persistência obstinada em alcançarmos os nossos objetivos.

Conclamo todos os empreendedores industriais do Rio Grande do Sul a manterem acesa a chama do sonho de dias melhores sempre! Todos os dias!

Afinal, se eu acredito no Brasil, é porque acredito muito mais no nosso amado Rio Grande.

Finalizo, agradecendo o trabalho daqueles que se dedicam a proteger a indústria do aço. Aos vice-presidentes e diretores da nossa associação, aos colaboradores e aos governantes que entenderam as necessidades do setor e nos apoiaram. A todos, o meu mais efusivo aplauso.

**José Antonio Fernandes Martins**

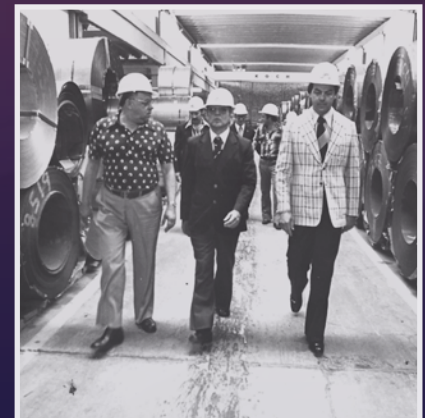
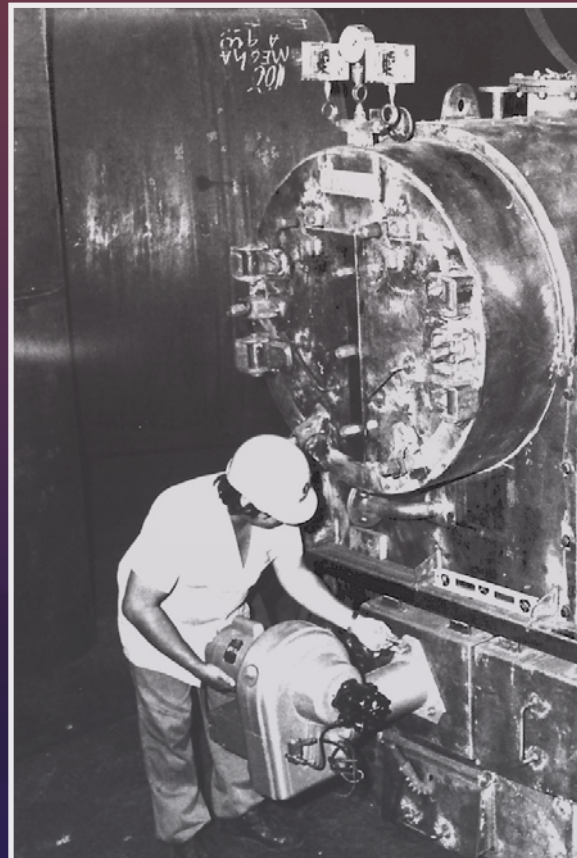
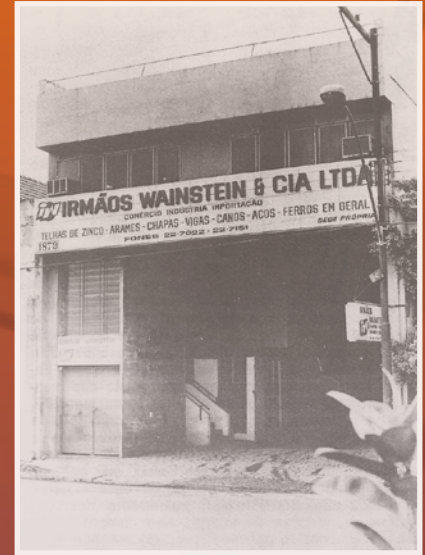
**Presidente da AARS**



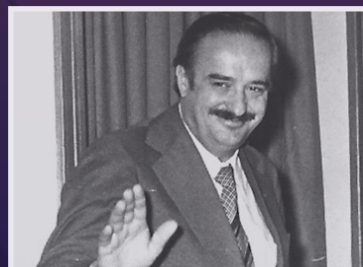
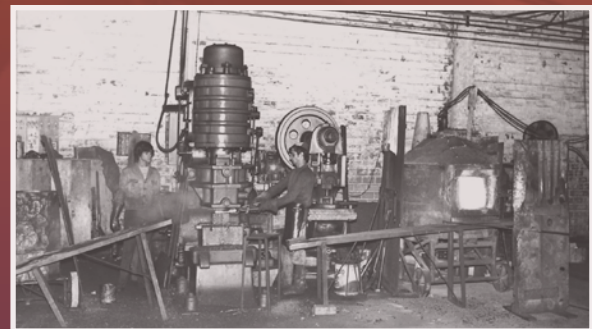
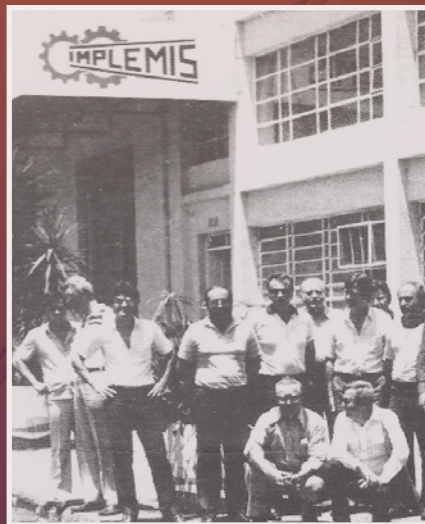
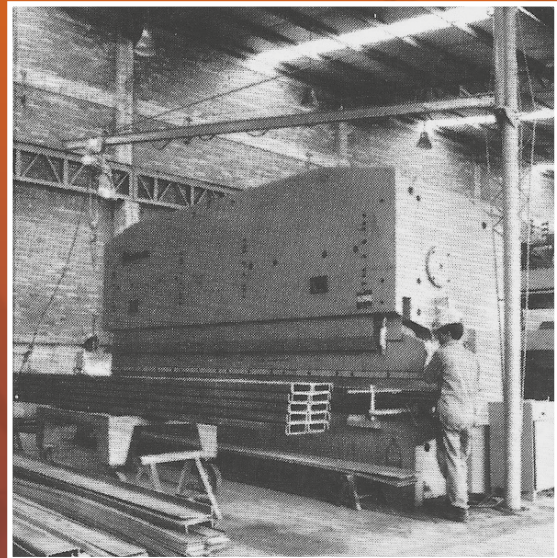
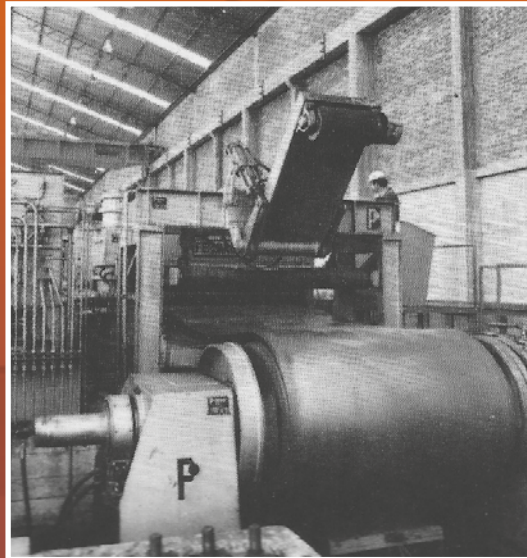
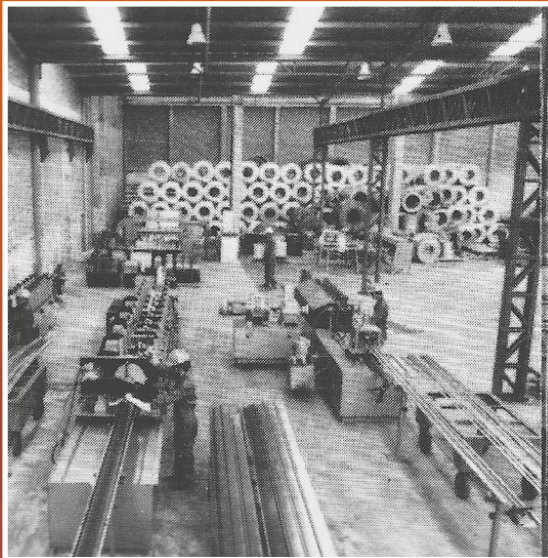


















Patrocínio Diamante



USIMINAS

Patrocínio Ouro



RANDONCORP



voestalpine  
ONE STEP AHEAD.

Patrocínio Prata



Soluções  
USIMINAS

TRAMONTINA  
o prazer de fazer bonito



ISBN: 978-65-981916-0-3

